

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Mestrado em Psicologia

**PÓS-MODERNIDADE E SOFRIMENTO PSÍQUICO:
ANÁLISE FEITA A PARTIR DE DEPOIMENTOS DE PSICÓLOGOS CLÍNICOS**

Alex Vilela Oliveira

Belo Horizonte

2006

Alex Vilela Oliveira

**PÓS-MODERNIDADE E SOFRIMENTO PSÍQUICO:
ANÁLISE FEITA A PARTIR DE DEPOIMENTOS DE PSICÓLOGOS CLÍNICOS**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: William Cesar Castilho Pereira

Belo Horizonte

2006

Alex Vilela Oliveira

**Pós-modernidade e sofrimento psíquico:
análise feita a partir de depoimentos de psicólogos clínicos**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Belo Horizonte, 2006.

William César Castilho Pereira (Orientador)- PUC-MG

João Leite Ferreira Neto – PUC-MG

José Paulo Giovanetti - UFMG

DEDICATÓRIA

A tia Nicéa (*in memoriam*), que fez da vida
um jardim florido.

AGRADECIMENTOS

Sem dúvida, um trabalho de construção de uma dissertação de mestrado envolve muitas pessoas e instituições, sem os quais se tornaria impossível. Em especial, agradeço:

Ao professor e orientador Dr. William César Castilho Pereira, pelo incentivo e interlocuções esclarecedoras.

Ao professor Dr. João Leite Ferreira Neto que, nos espaços para discussão, levantou questões relevantes, aqui desenvolvidas.

Ao professor Dr. José Paulo Giovanetti, pelas excelentes sugestões por ocasião do exame de qualificação, e por aceitar integrar a atual banca.

Aos profissionais que fizeram parte da pesquisa, que me atenderam prontamente, sacrificando em alguns casos o horário de almoço ou estendendo um pouco mais sua jornada de trabalho.

À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e a Capes que, através do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP), proporcionou-nos bolsa para a conclusão deste estudo.

Ao pessoal da secretaria do mestrado, principalmente a Marília, pela disponibilidade sempre manifestada.

Aos colegas de mestrado, em especial a Josélia, companheira de orientação e de percurso, seja nos momentos bons ou menos bons, pela sua amizade.

E por último (mas os últimos sempre serão os primeiros), a Zilda, meu amor e companheira de viagem, que sempre me estimula a crescer científica e pessoalmente, e a minha família: mãe, irmãs, sobrinhos, sem os quais não seria possível a realização desse projeto.

“É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar; é melhor tentar, ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco, que em conformidade viver...”

Martin Luther King (1963)

RESUMO

O debate conceitual em torno do termo pós-modernidade tem fervilhado nos meios acadêmicos nas últimas décadas, remetendo-nos, muitas vezes, a universos de referência distintos e filiações epistemológicas não-coincidentes. O objetivo deste trabalho é refletir sobre algumas mudanças nos pilares da cultura no que denominamos pós-modernidade, articulando essas transformações ao discurso atual do sofrimento psíquico. Pretende-se, dessa forma, promover um recorte das mutações nas instituições do poder, do saber, da cultura e das relações de parentesco e o impacto dessas mudanças no padecimento psíquico contemporâneo.

Frente a essas transformações, seria possível pensar os sintomas atuais como ainda referidos à lógica que animava a clínica do final do século XIX, quando do nascimento da Psicologia e da Psicanálise? Entre aquele momento e a clínica dos nossos dias se interpuseram as conquistas da ciência e da informática, bem como do universo feminino - a liberdade sexual, o acesso ao mercado de trabalho, o declínio do patriarcado, dentre outros. Tais referências não seriam suficientes para apontar uma nova direção? De que maneira seus efeitos são observados na clínica atualmente?

Clareadas essas mudanças, proceder-se-á uma análise da forma como as manifestações dos sofrimentos psíquicos têm se articulado à vida na pós-modernidade, através de depoimentos de seis profissionais da área psi que lidam com a clínica e têm como aporte teórico a Psicanálise. Surge, assim, uma forma singular de apreender o sintoma psíquico a partir do local teórico e prático dos entrevistados, nos apontando que outras formas de manifestações do sofrimento na contemporaneidade têm, muitas vezes como elementos, uma sociedade marcada pela performance, acarretando um terreno pobre para a produção da representação e da dimensão simbólica nos indivíduos, proporcionando novas roupagens nos padecimentos psíquicos na pós-modernidade.

Palavras-chave: Pós-modernidade; Transformações institucionais e culturais; Sofrimento psíquico contemporâneo

ABSTRACT

The conceptual debate regarding the post-modernity term has excited in the academic environment in the last decades, sending us, several times, to distinct reference universes and non-coincidental epistemological affiliations. This work aims to a reflection about some changes in culture basics that we call post-modernity, articulating these transformations in a current discourse of the psychic suffering. It is intended, by this means, to cut these changings in power, knowledge, culture and relationship institutions and the impact of these changes in the psychic suffering contemporary.

Front to these transformations it would be possible to think the current symptoms as still related to the logic that livened up the clinic of the end of century XIX, when of the birth of psychology and the psychoanalysis? Between that moment and the clinic of our days if they had interposed the conquests of science and of computer science, as well as of the feminine universe – the sex freedom, the access to the work market, the decline of patriarchade, amongst others. Such references they would not be enough to point a new direction? How its effect they are observed in the clinic currently? Clarified these changes, it will be proceeded an analysis of the form the manifestations of the psychic suffering it has articulated to the life in the one post-modernity, through depoiments of six professionals from the psy-area that they deal with clinics and have as theoretical support the psychoanalysis revealing, therefore, a singular way to obtain current psychic symptoms from the theoretical and practical place of the interviewed ones, in pointing that other forms of manifestations of the suffering in the contemporary they have, many times, as elements a marked society for the performance, causing a poor land for the production of the representation and symbolic dimension in the individuals, providing new clothes in the psychic suffering in the post-modernity.

Key words: post-modernity, culture and institutional transformations, current psychic suffering.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A COLCHA DE RETALHOS PÓS-MODERNA	15
2.1. Da sociedade disciplinar à sociedade de controle	20
2.2. O paradigma epistemológico	37
2.3. “Tudo que é sólido desmancha no ar”: a liquefação da cultura	44
2.3.1. A arte	45
2.3.2. O sentido do sagrado na pós-modernidade	47
2.3.3. Do narcisismo à sociedade do espetáculo	49
2.3.4. A estetização do corpo	54
2.4. A instituição das relações de parentesco na pós-modernidade	55
2.5. Algumas considerações sobre o sofrimento psíquico na pós-modernidade	61
2.5.1. Transtornos alimentares	62
2.5.2. Síndrome do pânico	66
2.5.3. Adicções	68
2.5.4. Depressão	70
3. METODOLOGIA	73
3.1. A abordagem teórico-metodológica	73
3.2. Participantes	75
3.3. Procedimentos éticos para inclusão dos sujeitos nos estudos	76
3.4. Os instrumentos de coleta de dados	77
3.5. Procedimentos para coleta de dados	78
3.6. Procedimentos para a análise dos dados	79

4. O SOFRIMENTO PSÍQUICO NA PÓS-MODERNIDADE: análise feita a partir de depoimentos de psicólogos clínicos	82
5. CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade a análise dos sofrimentos psíquicos¹ na pós-modernidade a partir de depoimentos de uma pequena amostra de profissionais “psi” que operam sua prática através da teoria psicanalítica.

O termo pós-modernidade é aqui utilizado no sentido de abranger as mutações sofridas nas instituições² que se constituem como os alicerces da sociedade e da cultura. Frente a essas transformações, seria possível pensar os sintomas atuais como ainda referidos à lógica que animava a clínica do final do século XIX, quando do nascimento da Psicologia e da Psicanálise? Entre aquele momento e a clínica dos nossos dias se interpuseram as conquistas da ciência e da informática, bem como do universo feminino - a liberdade sexual, o acesso ao mercado de trabalho, o declínio do patriarcado, etc. Tais referências não seriam suficientes para apontar uma nova direção? De que maneira seus efeitos são observados na clínica atualmente?

Os significados e as conseqüências dessas novas referências no continente psicológico do sujeito é o que esta pesquisa pretende abordar. É de extrema importância que os profissionais da área de Saúde Mental, especialmente

¹ O termo ‘sofrimento psíquico’ aponta para a riqueza da escuta que os analistas têm dos clientes, diante dos motivos de suas ‘desacomodações’ que os levaram à terapia, desprendendo, assim, da noção de categorias diagnósticas.

² O sentido de instituição usado neste trabalho é o de uma instância imaginária, além do *locus* do estabelecimento, sem espaço aparente ou manifesto. Trata-se de uma instância de saberes que permite a todo tempo diagramar relações sociais, organizar espaços e fixar e recortar limites. Além de sua forma virtual, imaginária e simbólica, as instituições vinculam-se à prática social, às relações entre as classes e ao processo de produção da vida material. Cada sociedade, segundo o modelo infraestrutural a que obedece, cria um tipo específico de instituição. Essa tipologia institucional será mantida e sustentada em todos os níveis, do Estado à família, passando por Igreja, educação, relações de trabalho, sistema jurídico, saúde, cultura, lazer, meios de comunicação, etc. (PEREIRA, 2005).

psicólogos e psiquiatras, estejam conscientes da influência que a estrutura da sociedade tem na formação do sofrimento psicológico.

Entender como as mudanças contemporâneas trouxeram novas possibilidades de saber-fazer, apontando novas configurações nas instituições que alicerçam a cultura, é base para a discussão sobre o impacto desses aspectos no sofrimento psíquico da atualidade. Assim, o questionamento dos processos de simbolização do sujeito frente à sociedade disciplinar e à sociedade de controle, além das transformações na cultura e da crise da epistemologia moderna e da família nuclear patriarcal proporciona terreno fértil para a discussão das formas atuais de expressão do sofrimento. Acreditamos que o pós-moderno é, portanto, menos uma teoria do que uma condição de vida social provocada pelas questões enfrentadas pela modernidade, decorrentes das mudanças paradigmáticas no modo de se pensar as instituições.

Assim, este trabalho não pretende abrir debate em torno do conceito de pós-modernidade, seja defendendo-o ou atacando-o. Esse termo será tomado aqui simplesmente como denominação de uma mudança de época que tem nas novas formas institucionais seu impacto mais direto, um dos dispositivos para as “novas” subjetivações que se refletem na clínica contemporânea.

O primeiro capítulo desenvolve uma reflexão sobre a complexidade do conceito de pós-modernidade. A saída encontrada para situarmos o termo em questão foi um percurso sobre as modificações ocorridas no campo do poder, do saber, da cultura e das relações de parentesco durante o século XX e início do século XXI. O capítulo é formado por subdivisões em que esses campos são analisados, buscando retratar as novas configurações por eles assumidas,

demarcando o momento denominado por determinados autores (Boaventura Santos (2000), Lyotard (2002), para citar apenas dois) de pós-modernidade.

Primeiramente, apresentamos uma análise do poder foucaultiano na sociedade disciplinar, pontuando de que maneira o mesmo formata essa sociedade através de hierarquias rígidas e bem demarcadas. Concomitantemente, buscamos demonstrar como esse poder toma outras formas mais flexíveis na contemporaneidade devido aos intensos avanços tecnológicos-comunicacionais, embasados na ideologia capitalista. Surge aqui o conceito de um poder não mais disciplinar, mas que controla de forma sutil, marcando uma sociedade de controle, termo cunhado por Deleuze (1992).

Acreditamos que o sofrimento psíquico parece ser, em muitos casos, a maneira de o indivíduo opor-se ao poder estabelecido, ou mesmo de vivenciá-lo. A forma como esse sofrimento psíquico se manifesta estaria, assim, atrelada à maneira de cada sujeito ser perpassado pela instituição do poder, seja disciplinar ou de controle. Por esse motivo, a discussão aqui proposta faz-se relevante.

Procuramos abordar a questão do saber a partir da mudança de paradigma que a epistemologia moderna vem sofrendo. Essa análise torna-se relevante por ser o saber o delineador do discurso cultural, dando forma aos costumes e à organização da sociedade, incluindo aí os padecimentos psíquicos.

Na seqüência, explicitamos alguns pontos das transformações institucionais na cultura, dando ênfase à arte, às formas atuais de vivência do sagrado na liquefação da cultura, na estetização do corpo e na cultura do narcisismo frente à sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997). São abordadas as formas particulares com que esses temas se apresentam atualmente, distinguindo-se do período moderno.

As relações de parentesco na pós-modernidade são o penúltimo item abordado no presente trabalho. Refletimos sobre as relações que compõem a família e suas profundas transformações nas últimas décadas, gerando formas de organização que transpuseram o modelo patriarcal e de família nuclear burguesa e dando lugar a relações tentaculares, multifacetadas. Formas diferentes de subjetividade são fornecidas por essas novas configurações de família, trazendo impacto para o indivíduo e condições até então ausentes para a formação do sofrimento psíquico.

Por último, traçamos um quadro dos sofrimentos psíquicos tomados como contemporâneos e que têm prevalecido no discurso psicopatológico. Levantamos as características daquelas que consideramos as mais discutidas, devido às exigências da sociedade pós-moderna. Não concluímos, nesse ponto, que as modalidades de padecimento psíquico atuais são geradas a partir da eclosão da pós-modernidade, mas que os dispositivos institucionais contemporâneos e suas mutações proporcionam um alastramento maior desses sintomas.

O capítulo 3 apresenta a metodologia adotada neste estudo: a pesquisa qualitativa. O que se pretendeu foi a compreensão das características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas dessas características ou comportamentos.

A técnica de coleta de informações adotada foi a entrevista semi-estruturada. Cinco profissionais da área “psi” responderam a questões sobre sua prática, para que fosse possível traçar um perfil do padecimento psíquico na realidade desses profissionais. Focou-se na produção social de subjetividades e conseqüentes formas de manifestação do sofrimento psíquico no plano da demanda, nas mudanças na qualidade dos vínculos e nos projetos de vida, na repercussão das transformações

sociais e dos novos desafios clínicos no interior das práticas embasadas pela Psicanálise.

O capítulo final traz os dados obtidos através de uma análise de conteúdo, articulando-os com propostas teóricas que pudessem clarear o que foi dito nas entrevistas. As falas dos entrevistados deixam entrever uma formatação sistemática no sofrimento psíquico, vinculados às múltiplas facetas da vida social. A chamada pós-modernidade trouxe consigo um paradigma de desenvolvimento tecnológico e uma conseqüente saturação de estímulos nunca antes vivida pela humanidade. Ao invés de permitir a sensível melhoria das condições de vida sobre o planeta, muitas vezes o que essa nova situação provocou foi o aumento do desemprego e da miséria. Paradoxalmente, os que trabalham devem trabalhar mais tempo durante cada dia e por mais anos durante sua vida. Essa configuração social contemporânea é o solo onde se desenvolvem a exigência de performance, o narcisismo, a competição e outros aspectos movidos pela ideologia capitalista.

A sociedade com os contornos apontados acima faz surgir um clima de superficialidade, de enfraquecimento da vida fantasmática do sujeito. O reflexo na clínica surge através de clientes desinteressados em um trabalho sobre si próprios, buscando somente ficar livre de seus sintomas, muitas vezes sem conseguir nomeá-los, extravasando-os através do mal-estar corpóreo. Esse quadro é fruto não apenas dos novos discursos da ciência no campo das patologias, que proporciona outras formas de descrição do sofrimento psíquico, mas também das novas modalidades de construção subjetiva provocadas pelas cartografias institucionais da pós-modernidade.

2. A COLCHA DE RETALHOS PÓS-MODERNA

“Pós-modernidade” é um conceito utilizado, nos dias atuais, em uma variedade de sentidos. Grande parte deles acentua as transformações no âmbito da cultura em várias instituições, dentre as quais podemos destacar a epistemologia, a política, a economia, a família, o trabalho, os aspectos sócio-culturais, a estética e a ética.

Pretende-se, aqui, abordar algumas dessas dimensões, utilizando o discurso relativo à pós-modernidade meramente como forma de teorizar as transformações institucionais recentes da cultura contemporânea, sem pretensão de dar resolução para esse complexo tema. As teorias acerca da pós-modernidade são *“incompletas e imperfeitas, mas chamam a atenção para fenômenos novos e decisivos na vida contemporânea e despertam o pensamento para algo que está acontecendo (...)”* (FRIDMAN 2000, p.14).

Vários nomes foram dados a esse conjunto de transformações da sociedade nos últimos tempos, o que demonstra que a questão da pós-modernidade ainda não está definida, apresentando intenso encontro-desencontro de tendências na encruzilhada histórica atual. Por conseguinte, falar de “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1997), “sociedade pós-industrial” (BELL, 1977), “sociedade de risco” (BECK, 1992), “modernidade tardia” (GIDDENS, 2002), “pós-modernidade” (LYOTARD, 2002 SANTOS, 2000), “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001), “sociedade programada” (TOURAINÉ, 1994), “sobremodernidade” (AUGE, 1994), “capitalismo desorganizado” (OFFE, 1989), “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999), “capitalismo tardio” (JAMESON, 1996), “sociedade do controle” (DELEUZE, 1992) ou

“fim da história” (FUKUYAMA, 1992) não quer dizer, necessariamente, falar de sinônimos. Tais nomeações remetem a discussões a universos de referência distintos, debates diferenciados e filiações epistemológicas não-coincidentes. Algumas são mais pontuais, outras mais genéricas; umas mais analíticas, outras mais descritivas. A pluralidade terminológica deve-se ao fato de esses termos estarem associados a distintos sistemas de pensamento e formas de conceber a sociedade contemporânea.

O novo sempre tem como pano de fundo o antigo. Assim, o termo pós-modernidade faz alusão à modernidade, representando, por um lado, uma ruptura e, por outro, uma reação frente ao projeto moderno. Essa ambigüidade proporciona uma discussão sem fim em torno do conceito de pós-modernidade, em que o consenso está longe de ser alcançado. Kumar (1997) explica que o prefixo “pós” pode significar tanto um novo estado de coisas, no sentido do que vem depois, como pode ser usado no sentido de *post*, sugerindo término.

Frente às discussões, podemos situar como marco do que se denomina pós-modernidade o período pós-Segunda Guerra, com sua nova configuração global, política, econômica e científica, em meio a um sentimento de desencanto com o mundo diante das conseqüências do combate entre as nações: “*o desencanto que se instala na cultura é acompanhado da crise de conceitos fundamentais ao pensamento moderno, tais como ‘Verdade’, ‘Razão’, ‘Legitimidade’, ‘Universalidade’, ‘Sujeito’, ‘Progresso’, etc.*” (CHEVITARESE, 2001). Essa crise é acentuada nas décadas seguintes, de 1960 e 1970, com os movimentos estudantis na Europa, a contra-cultura de resistência dos movimentos pacifistas (a exemplo do movimento mundial de hippies), as artes inspiradas na teoria do absurdo de Nietzsche (que enfatiza o caos da vida moderna e a impossibilidade de lidar com ela a partir do

pensamento racional) e o novo pensamento científico (com Habermas (1994) e Popper (1999) entre seus expoentes, negando o saber absoluto e afirmando o saber relativo).

A partir do início da década de 70, o mundo pôde constatar uma avalanche de mudanças de ordem cultural, política e econômica. A razão não produziu a desejada e esperada emancipação da sociedade humana, deflagrando a crise dos paradigmas da ciência moderna, acentuada pelo fracasso do socialismo, queda do muro de Berlim e consolidação do capitalismo como o modo de produção hegemônico do planeta.

Questionamos se é possível atribuir o termo pós-modernidade às grandes mudanças na qualidade de vida das sociedades a partir da década de 60. Estamos convencidos de que o termo tem sido aplicado a todo tipo de manifestação inovadora do tempo presente.

Segundo Foucault (1984), não há sentido em se discutir o que é moderno ou pós-moderno, pois modernidade seria uma atitude, não um período da história. Por “atitude”, o autor compreende:

(...) um modo de relação que concerne à atualidade: uma escolha voluntária que é feita por alguns: enfim uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira também de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca uma pertinência e se apresenta como uma tarefa. Um pouco, sem dúvida, como aquilo que os gregos chamavam êthos. (FOUCAULT, 1984, p. 341-342).

Partindo da reflexão de Baudelaire, Foucault (1984) afirma que ser moderno é assumir determinada atitude em relação ao movimento da modernidade, frente à descontinuidade do tempo, à ruptura da tradição, ao sentimento de novidade, à vertigem do que passa. Essa atitude voluntária, difícil, consiste em recuperar algo de eterno que não está além do instante presente, nem atrás dele, mas nele próprio. A

modernidade não seria simples forma de relação com o presente, mas um modo de relação estabelecido consigo mesmo.

A atitude voluntária da modernidade está ligada a um ascetismo indispensável. Ser moderno não é aceitar a si mesmo tal como se é no fluxo dos momentos que passam: é tomar a si mesmo como objeto de uma elaboração complexa e dura (...). O homem moderno, para Baudelaire, não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e sua verdade escondida: ele é aquele que busca inventar-se a si mesmo. Essa modernidade não libera o homem em seu ser próprio: ela lhe impõe a tarefa de elaborar a si mesmo (FOUCAULT, 1984, p. 344).

Terry Eagleton (1998), em “As ilusões do pós-modernismo”, acentua que o termo pós-modernismo remete, em geral, a um tipo de cultura contemporânea, enquanto pós-modernidade vincula-se a um período histórico específico. O pós-modernismo, ainda segundo o autor, seria uma cultura que reflete essa mudança, por meio de uma arte que, evidentemente, não podia deixar de fazê-lo. Trata-se, enfim, da cultura da sociedade capitalista avançada. A pós-modernidade, por sua vez, seria uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a idéia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. O autor ressalta o caráter efêmero e descentralizado dessa pós-modernidade, que encara o mundo como gratuito, contingente, imprevisível, instável, englobando várias culturas em uma diversidade que implica em interpretações desunificadas e em um ceticismo no que tange a objetividade da história, a verdade e as normas.

É grande a dúvida em torno do fato de o pós-modernismo ter rompido radicalmente com o modernismo, ou se haveria traços deste último na cultura pós-moderna. Para Jameson (1996), a pós-modernidade não aponta para uma ruptura radical: por mais que chame atenção a possibilidade de satisfação das necessidades e prazeres do homem como algo novo, o pós-modernismo nada mais é que a lógica cultural do capitalismo tardio (JAMESON, 1996). Ainda segundo o autor, através dos

fluxos de imagem, informação, conhecimento e serviços, absorvemos novos sentidos de vida. De uma ponta a outra do circuito econômico - da produção ao consumo -, novas subjetividades são produzidas, na medida em que são desinvestidas, reformatadas e tornadas mercadorias.

Dentre os aspectos apontados por Jameson (1996) como identificadores da cultura pós-moderna, podemos destacar a morte do sujeito como um dos centrais. Ela é entendida como a incapacidade de produzir um estilo próprio. Ao contrário dos estilos produzidos no modernismo com Picasso, T.S. Eliot, Proust, Sartre, etc., escritores e artistas da atualidade já não poderiam inventar novos estilos e mundos. Todas as formas de pensar já teriam sido inventadas, restando agora buscá-las e combiná-las. Essa característica leva a outras: os filmes de nostalgia que buscam uma realidade sempre presente e eterna, e o pastiche, reprodução de obras, que surgiria na medida em que inovações estilísticas já não são possíveis.

Através do panorama traçado até aqui, é possível perceber que o termo pós-moderno não tem definição precisa, uma vez que está em contínuo processo de formação. Ademais, a popularidade do mesmo deve-se, entre outras coisas, exatamente à sua "vacuidade". Trata-se de uma época que permite várias interpretações e, por isso, conceituá-la é cair em seu próprio emaranhado de efemeridade e multiplicidade. A variação semântica para nomear o tempo contemporâneo torna-se um fenômeno que retrata o próprio momento histórico, sendo assim, ele mesmo, pós-moderno.

A falta de consenso em torno dessa questão de nomenclatura deixa clara a dificuldade de análise da época histórica atual, agravada pelo fato de estarmos vivendo esse período a ser estudado, o que gera pontos cegos, de difícil apreensão. Contudo, algumas características têm se destacado mais ou menos de forma

hegemônica: nada se constitui para ser definitivo, tudo é transitório, fazendo com que a grande aventura da vida atual seja sua fluidez, sua instabilidade.

2.1. Da sociedade disciplinar à sociedade de controle

"Sorria, você está sendo filmado".

O conceito de subjetividade encerra uma discussão complexa, abarcando um campo interdisciplinar que enfatiza um ou outro tipo de abordagem, de acordo com o referencial teórico que alicerça a análise e a interpretação desse conceito.

Na gênese dessa palavra está o sentido de algo próprio do sujeito, que diz respeito ao mundo interno do indivíduo. Esse é o significado encontrado na grande maioria dos dicionários. Como exemplo, evoca-se o que diz o "Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa" (LUFT, 1987, p. 523): *"Subjetivo: 1. Relativo ao sujeito. 2. Relativo a cada pessoa em particular; pessoal. 3. (Gram.) Relativo ao sujeito. 4. Que (pronome, oração) exerce função de sujeito"*.

Esse foi, durante muito tempo, o sentido monopolizador de subjetividade. Entretanto, vem despontando nos últimos tempos uma reflexão que confere ao a esse conceito um caráter de construção social, definida historicamente e condicionante de ações, sentimentos e representações no ser humano. Nessa ótica, destacam-se as ponderações de Guattari (1986) de que a produção da subjetividade não está centrada em agentes individuais, mas em agenciamentos de enunciação, mecanismos de expressão que podem ser de natureza extrapessoal (instituições econômicas, sociais, tecnológicas, midiáticas, etc.) ou infra-humana, infra-psíquica, infra-pessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, afeto, desejo, representação, valor, imagens, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, etc.), de

modo que a conformação da subjetividade se dá essencialmente no registro do social. A autonomia do indivíduo aparece vinculada ao modo como o mesmo recebe essa subjetividade moldada. São duas as posturas possíveis: a de alienação, submissão à subjetividade transmitida, e a de expressão e criação, reapropriação dos componentes da subjetividade, produzindo o que o autor chama de processo de singularização.

Convergindo com essa linha de argumentação, temos Foucault (2002) com seu entendimento da subjetividade como relações de forças estabelecidas no interior da sociedade capitalista, perpassadas por relações de poder. O exercício do poder não seria privilégio apenas de grupos dominantes e instituições: ao contrário, o mesmo seria difuso, atravessando diversos espaços sociais, sem manifestar apenas caráter negativo, repressivo e coercitivo, mas apresentando também, no interior da dinâmica capitalista, perfil criador, responsável pelo surgimento de práticas e instituições, e até mesmo de sujeitos. Em suma,

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 2002, p.08).

Influenciado pelo período histórico em que viveu, marcado pela emergência de diversas formas de poder, múltiplas possibilidades de resistência e eclosão dos movimentos sociais organizados, Foucault elaborou um referencial teórico que permite pensar as rupturas, resistências e fissuras que perpassam a existência humana no interior dos sistemas capitalistas de produção.

A análise que se segue procurou cartografar, através da noção de disciplina proposta pelo autor, os mecanismos através dos quais o sistema capitalista tornou dóceis os corpos dos homens, e como esses mecanismos tomaram outras formas,

objetivando em última instância o controle, termo proposto por Deleuze. É nesse sentido que o conceito de subjetividade será aqui entendido, transcendendo, assim, qualquer restrição em seu entendimento como simples interioridade, transpondo a dicotomia dentro-fora oriunda dessa maneira de se entender tal conceito.

Autores nomeados imperialistas, principalmente Hardt e Negri (2001) têm associado conceitos de Foucault ao pensamento de Deleuze, para entender as nuances do poder frente às configurações sociais. A trilha de “idas e vindas” entre esses pensadores facilita a compreensão da instituição do poder frente a uma sociedade disciplinar e de controle, e da manifestação do sofrimento psíquico frente a ambas.

A passagem da modernidade para a contemporaneidade ocasionou a mudança de um modelo de vida, resultado das transformações nas instituições fundantes da sociedade. Destacam-se as dimensões da cultura, do saber e dos laços de parentesco, posteriormente detalhadas neste trabalho. Torna-se importante a discussão da linha que atravessa essas instituições, caracterizando-as e configurando-as no tecido social. Pensar as relações de poder e saber pode trazer luz à questão do sintoma psíquico na pós-modernidade.

As grandes revoluções representaram papéis cruciais na odisséia humana. A Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra integra o conjunto das Revoluções Burguesas do século XVIII, responsáveis pela crise do Antigo Regime, na passagem do capitalismo comercial para o industrial. Os outros movimentos que a acompanham são a Independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa que, sob influência dos princípios iluministas, assinalam a transição da Idade Moderna para a Contemporânea.

A Revolução Industrial impactou significativamente o cotidiano dos que estavam sob sua égide. O surgimento das máquinas, substituindo antigas ferramentas de produção manual, foi o terreno fértil para a consolidação do capitalismo como modo de produção dominante. Esse momento de passagem da energia humana para motriz é o ponto culminante de uma evolução tecnológica, social, e econômica que vinha se processando na Europa desde o século XIII, com a denominada Baixa Idade Média, caracterizada pelo crescimento das cidades, expansão territorial e florescimento do comércio.

Com efeito, a Revolução Industrial alterou profundamente as condições de vida do trabalhador braçal, provocando inicialmente um intenso deslocamento da população rural para as cidades, formando enormes concentrações urbanas. A produção em larga escala e dividida em etapas irá distanciar cada vez mais o trabalhador do produto final, já que cada grupo de trabalhadores irá dominar apenas uma etapa da produção. Na esfera social, o principal desdobramento da revolução foi o surgimento do proletariado urbano (classe operária) como classe social definida. Vivendo em condições deploráveis, tendo o cortiço como moradia e submetido a salários irrisórios com longas jornadas de trabalho, o operariado nascente era facilmente explorado devido também à inexistência de leis trabalhistas.

Esse panorama emergente tem sua amarra nas técnicas, denominadas por Foucault (1997) de disciplinares, originadas a partir do séc. XVIII. Destinavam-se a garantir que os indivíduos, por meio dos seus corpos, fossem submetidos a um conjunto de dispositivos de poder e de saber baseados na vigilância permanente, na normalização de comportamentos e na exposição a exames. Como forma de se produzir verdades sobre eles mesmos, essas práticas tinham como objetivo a extração máxima das potencialidades. Para tanto, instituições como fábricas,

escolas, hospitais, conventos, entre outros, tinham papel fundamental, tornando os indivíduos dóceis. O padrão de visibilidade das sociedades disciplinares projetou-se no interior dos prédios das instituições, que passaram a ser construídos para permitir o controle interno. Processos disciplinares existiam já nos conventos, nos exércitos, nas oficinas, mas é só no decorrer dos séculos XVII e XVIII que as disciplinas se tornam fórmulas gerais de dominação.

Esse período traz como características essenciais a distribuição dos indivíduos em espaços classificatórios, combinatórios, isolados, hierarquizados, destinados a desempenhar funções diferentes segundo o objetivo específico exigido. Estabelece-se uma sujeição do indivíduo ao tempo, com o intuito de garantir a produção com o máximo de rapidez e eficácia. A vigilância se expressa como instrumento de controle, de maneira contínua, perpétua e permanente, através da verticalização da mesma – presença do observador em tempo real. A ilustração arquitetônica desse poder disciplinar é o panóptico carcerário: o controlador que tudo vê e não é visto.

O corpo é descoberto enquanto fonte inesgotável de poder, máquina para o sistema e a disciplina. É algo possível de manipular e facilmente adestrável, susceptível de dominação. A disciplina é diferente de todo o tipo de massificação anteriormente aplicado, foge largamente dos princípios de escravização e de domesticidade das épocas clássicas. Ela fabrica corpos dóceis, submissos, altamente especializados e capazes de desempenhar inúmeras funções, aumentando a força em termos econômicos e diminuindo a resistência política ao poder. Daí que o corpo tenha sido fonte de utilização econômica e só se torne força útil se for, ao mesmo tempo, produtivo e submisso.

Essa sujeição não é obtida só por instrumentos de violência ou de ideologia: pode ser direta, física, usar a força contra a força sem, no entanto, ser violenta. Pode ser calculada, organizada de forma sutil, sem fazer uso de armas ou do terror e, no entanto, continuar a ser disciplina física. São os métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade que podemos chamar disciplinas, o que Foucault esclarece com o seguinte comentário:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil é. Forma-se então, uma política de coerções que consiste num trabalho sobre o corpo, numa manipulação calculada dos seus elementos, dos seus gestos, dos seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados "corpos dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças, ela dissocia o poder do corpo, faz dele por um lado uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 1997, p.119).

Com a revolução industrial, a disciplina atinge também a instituição fabril. Sempre com o objetivo de evitar "tumultos", otimiza o espaço para garantir maiores níveis de produção. A regra das localizações funcionais fez com que, pouco a pouco, espaços que estavam geralmente livres para vários usos se especializassem para satisfazer a necessidade de vigiar e acabar com comunicações perigosas que pudessem, de alguma forma, interferir na homeostase do poder.

Por conseguinte, se o surgimento e o êxodo para as cidades representaram economias de agregação para o capital, acondicionando, em um só local, um exército de reserva de trabalho e toda uma infra-estrutura de produção, elas constituíram, igualmente, focos de propagação de "doenças e convulsões sociais", que demandaram uma série de cuidados, na medida do crescimento das classes ditas "perigosas".

A disciplina é, ao mesmo tempo, massificadora e individualizadora. Todos se sujeitam às mesmas obrigações num lugar determinado. Por exemplo, na arte de pôr os homens enfileirados, a disciplina individualiza os corpos. Nas instituições educacionais, há a conhecida ordenação por fileiras. Nesse conjunto de alinhamentos, cada aluno, segundo sua idade, desempenho, comportamento, ora ocupa uma fila, ora outra, deslocando-se todo o tempo numa série de posições que marcam uma hierarquia.

Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é, portanto, nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruzam uma linha e uma coluna, o intervalo numa série de intervalos que se pode percorrer sucessivamente. A disciplina, arte de dispor em fila, e técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações (...) (FOUCAULT, 1997, p.125).

Na sociedade disciplinar, o indivíduo “*não cessa de passar de um espaço fechado a outro: primeiro a família, depois a escola, depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência*” (DELEUZE, 1992, p.219).

De forma irônica e realista, Charles Chaplin (1936) criou, em “Tempos Modernos”, a imagem-síntese desse período: aquela em que o operário Carlitos, enlouquecido com os movimentos repetitivos de sua tarefa, deixa-se levar pela esteira da máquina e é engolido por suas engrenagens. Ele satiriza elementos constitutivos da sociedade disciplinar, como a figura do operário-capataz, o olhar do patrão sobre os operários (que os vigia até mesmo no banheiro) e a prisão, onde Carlitos é confinado por engano após ser confundido com um líder comunista. Tem-se aí a idéia da sociedade industrial e de massa que despontava. Taylor (1980) e Fayol (1989), posteriormente, serão seus mais ilustres expoentes ao proporem a

Administração Científica do Trabalho (ACT), estabelecendo nova divisão na divisão anteriormente definida, diferenciando o dono do capital dos administradores do trabalho da empresa. A estes caberá, fundamentalmente através das disciplinas, investir sobre o corpo dos operários para maximizar a produção e, em decorrência, produzir uma lógica calcada na mais-valia.

É diante desse panorama que surge a Psicanálise e que Freud (1980a) desenvolve conceitos básicos da sua teoria: o inconsciente, a transferência, a repetição, a pulsão, o recalque e seus efeitos como a culpa, a censura, a repressão, o eu ideal e o ideal do eu e a função do dispositivo familiar, todos marcados pela disciplina dominante, pelo modelo da estruturação, veiculado pela emanção do superego freudiano.

Sobre a sociedade desse período, Armony (1991) diz que a idéia de ego bem-estruturado é um prolongamento do ideal de pessoa bem estruturada, pertencente ao imaginário social do século XIX, que se estende até meados do século XX. Esperava-se das pessoas uma integridade, uma continuidade, uma coerência, uma disciplina que as tornassem absolutamente confiáveis, membros sadios de uma comunidade sadia, voltados para um mesmo objetivo e dirigidos por uma mesma ideologia. A esse indivíduo estruturado, correspondem as neuroses estruturadas (histérica, obsessiva, fóbica). O olhar do analista estava, também, inserido nesse modelo estrutural.

Depois da Segunda Guerra Mundial, as sociedades disciplinares entraram em crise e novas formas de controle começaram a se desenhar, substituindo as disciplinas que operavam em um sistema fechado. A transformação da moderna

geografia imperialista³ do mundo e a realização do mercado global marcam uma mudança no modo capitalista de produção (HARDT; NEGRI, 2001). A passagem de uma forma de dominação a outra ocorreu quando a economia do poder percebeu ser mais eficaz e rentável vigiar do que punir, implementando a crise generalizada de todos os meios de confinamento da sociedade disciplinar.

Estabelece-se, assim, progressiva e dispersamente, um novo regime de dominação: o exercício do poder à distância. Deleuze (1999) utiliza o termo sociedade de controle para se referir ao que está em curso e veio suceder a sociedade disciplinar detectada por Foucault (1997), ou seja, a sociedade ocidental contemporânea. Aqui, antigos sistemas de enclausuramento são dispensáveis. O sistema de controle que surge não é claramente delineado, chegando de todos os lados. A marca registrada desse período é o incrível desenvolvimento da comunicação e da informática e suas funções de controle. Os processos de modernização e industrialização levaram consigo a transformação e a redefinição de todos os elementos configuradores do plano social.

Com o avanço dos instrumentais de comunicação e informação, as formas de apreensão da subjetividade fizeram despontar cartografias não mais delimitadas em moldes, como na sociedade disciplinar. Deleuze (1992) chamou de modulação o processo exercido por essa sociedade, pois um mesmo molde fixo e definido poderia

³ Segundo Hardt e Negri, (2001), o imperialismo compreendeu o momento em que a soberania do Estado-nação era a pedra angular das potências européias na idade moderna. Desta forma “as fronteiras definidas pelo moderno sistema de Estado-nação foram fundamentais para o colonialismo europeu e para a expansão econômica: os limites territoriais do país delimitavam o centro de poder a partir do qual era exercido o controle sobre territórios externos por meio de um sistema de canais e barreiras que, sucessivamente, facilitavam e obstruíam o fluxo de produção e circulação. O imperealismo era, na realidade, uma extensão da soberania dos Estados-nação europeus além de suas fronteiras” (HARDT; NEGRI, 2001, p.12). À formatação do Império, concorrem a minimização do papel do Estado nos países subdesenvolvidos e o gradativo desmonte do *welfare state*. Por Império, esses autores entendem uma estrutura de poder supranacional extremamente fluida, da qual participam, além dos países mais desenvolvidos do mundo (o G-7), os países subdesenvolvidos, por meio de sua presença nos diversos órgãos de decisões intergovernamentais (a ONU e a OMC, à guisa de exemplo), e as ONGs, que, em nome de imperativos éticos e morais, legitimam a atuação do Império.

ser aplicado às mais diversas formas sociais, como é o caso do confinamento. A sociedade de controle, por sua vez, seria marcada pela interpenetração dos espaços e por sua suposta ausência de limites definidos, proclamando, assim, o declínio das instituições de confinamento estudadas por Foucault (1997) e o aparecimento de novos dispositivos de controle em redes a céu aberto. Trataria-se de uma espécie de modulação constante e universal que atravessaria e regularia as malhas do tecido social. No entanto, a crise das instituições (escola, fábrica, hospital, família, prisão, exército) e de seus instrumentos de confinamento não corresponde a seu desaparecimento, mas ao enfraquecimento de suas fronteiras e a transformações nos mecanismos de controle.

Para Deleuze (1992), instaura-se o regime da “moratória ilimitada”, que gera um estatuto de responsabilidade social e estabelece um tipo de poder ainda mais introjetado e subliminar que a disciplina: o controle contínuo, simultâneo e descentralizado, a partir de um sistema numérico de cifras e senhas.

É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las. As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus (DELEUZE, 1992, p. 223).

No novo regime de moratória ilimitada, a formação e o trabalho são ininterruptos: *“na sociedade de controle, a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola e o controle contínuo substitui o exame”* (DELEUZE, 1992, p.219). Muitos dispositivos disciplinares são agora apropriados pelo controle. Segundo Deleuze,

O controle não é uma disciplina. Com uma estrada não se enclausuram pessoas, mas, ao fazer estradas, multiplicam-se os meios de controle. Não

digo que esse seja o único objetivo das estradas, mas as pessoas podem trafegar até o infinito e “livremente”, sem a mínima clausura, e serem perfeitamente controladas. Esse é o nosso futuro (DELEUZE, 1999, p. 5).

Em vez dos muros das instituições disciplinares, outras técnicas são amplamente difundidas. Circuitos de TV, “pardais eletrônicos”, escutas telefônicas, programas “espiões” de computador e monitoramentos de mensagens eletrônicas são mecanismos de controle social. David Lyon (1994) qualifica a vigilância contínua sobre a sociedade como a potencialização do panóptico idealizado por Bentham (1977). Tratar-se-ia do “super panóptico”, no qual a proliferação de câmeras espalhadas por todas as partes reproduziria essa arquitetura capaz de fazer *“funcionar o projeto de uma visibilidade universal, em proveito de um poder rigoroso e meticuloso”* (BENTHAM, 1977, p. 16), que o autor compara à onisciência de Deus, ao Olho que tudo vê. Em nome da segurança, somos constantemente “olhados”. Em prol da independência, não precisamos mais da presença humana nos caixas dos bancos, mas essa independência está amarrada ao controle das máquinas, que delimitam quais operações podemos realizar.

Com efeito, esse modelo remete ao Estado policial, à *“polícia de pensamento”* que pode, assim, *“manter vigilância constante em cima das vidas íntimas e relações de cada cidadão”* (LYON, 1994, p. 59). Para Deleuze (1992), pode-se dizer que a informação substitui a disciplina como modo próprio do poder e, ao circular livremente –afinal, nossa sociedade é mediada pela informação –, faz circular “palavras de ordem”, modela de forma contínua os corpos e a vida. Há íntima relação entre capitalismo de consumo, tecnologia e controle – expressa na afirmação deleuziana de que *“o homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado”* (DELEUZE, 1992, p.224). A mudança nas formas de poder relaciona-se à mutação do capitalismo, que deixa de ser de produção e concentração (exigindo o confinamento) e passa a vender serviços e ações.

Atualmente, a vigilância já é um fenômeno globalizado e globalizante, que tem como referência básica o consumo.

É em função da revolução tecnológica que *“o marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores”* (DELEUZE, 1992, p. 224).

O consumismo torna-se, destarte, um dos anteparos de sustentação dessa sociedade. Vamos às compras pelas habilidades necessárias a nosso sustento e pelos meios de convencer nossos possíveis empregadores de que as temos; pelo tipo de imagem que gostaríamos de vestir e por modos de fazer com que os outros acreditem que somos o que vestimos; por maneiras de fazer novos amigos que queremos e de nos desfazer dos que não mais queremos; pelos meios de extrair mais satisfação do amor e pelos meios de evitar nossa “dependência” do parceiro amado (BAUMAN, 2001, p. 88).

Deleuze aponta, entretanto, para o fato de que o capitalismo mantém cerca de três quartos da humanidade em situação de extrema miséria, *“pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento”*, tendo o controle *“que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão de guetos e favelas”* (DELEUZE, 1992, p. 224). Em nossa realidade formatada por altos índices de desemprego, pobreza, violência e concentração de renda na mão de uma minoria que se sobressai na imposição de uma subjetividade capitalista, muitas vezes o sofrimento psíquico é atravessado pela pressão de *“não devermos nada a ninguém”*. Liberdade, moral, consciência tranqüila, paz de espírito, respeito quase sempre são vistos como consequência da vida financeira do indivíduo. Isso faz com que, ao menor sinal de desarranjo nessa área, o sofrimento apodere-se do sujeito.

A ruptura do *continuum* da sociedade de controle leva-nos a questionar a magnitude de seu projeto: *“cada vez que uma revolução técnica chega, os homens pensam que ela significará o fim da história e a erradicação das lógicas do passado”* (CHAUPRADE, 2001, p. 697). Estamos condenados ao eterno retorno, a observar a

coexistência da mais alta tecnologia biopolítica e da máxima disciplinarização do corpo.

Todas as necessidades, todos os desejos humanos transmutam-se em mercadorias. E as mercadorias, em função da rapidez dos fluxos comunicacionais, têm ciclo de vida mais e mais curto. O real é construído e destruído velozmente, de sorte que tudo o que era familiar torna-se estranho.

A primazia do econômico sobre o social operou sucessivas degradações, seguindo Dupas: *“primeiro do ‘ser’ para o ‘ter’, em seguida do ‘ter’ para o ‘parecer-ter’ Às atuais massas excluídas resta apenas identificar-se com quem ‘parece-ser-ou-ter’ através do espetáculo à distância, um virtual feito real pelas mídias globais”* (DUPAS, 2001, p.102). Entrementes, o poder calcado na produção capitalista está presente a todo o momento, tornando-se o terreno onde a liberdade desliza. Desponta uma “liberdade controlada”, uma maneira axiomática do capitalismo que, ao mesmo tempo em que proporciona fluxos com as quase infinitas possibilidades da trama social contemporânea, canaliza esses fluxos a favor do consumo, criando uma subjetividade capitalista.

Seguindo esse raciocínio, percebe-se que o poder disciplinar proposto por Foucault (1997) se manifesta na estruturação de parâmetros e limites do pensamento e da prática, sancionando e prescrevendo comportamentos normais e/ou desviados (HARDT; NEGRI, 2001). Instituições disciplinares (fábrica, prisão, escola, convento, exército, etc.) asseguram a obediência social através de suas regras e mecanismos de inclusão e exclusão. Por sua vez, na sociedade de controle os mecanismos de controle do poder tornam-se cada vez mais “democráticos”, estendendo-se para fora dos locais estruturados das instituições sociais, em redes flexíveis e flutuantes. Torna-se difícil a resistência frente a esse atual poder difuso,

cada vez mais imanente ao campo social, “*distribuído por corpos e cérebros dos cidadãos*” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 42). Essa característica leva ao que Foucault (2000) denominou biopoder, que integra em si a disciplina, transformando-a a seu modo:

Biopoder é a forma de poder que regula a vida social por dentro, acompanhando-a, interpretando-a, absorvendo-a e a rearticulando. O poder só pode adquirir comando efetivo sobre a vida total da população quando se torna função integral, vital, que todos os indivíduos abraçam e reativam por sua própria vontade. Como diz Foucault, a vida agora se tornou objeto de poder. A função mais elevada desse poder é envolver a vida totalmente, e sua tarefa primordial é administrá-la. O biopoder, portanto, se refere a uma situação na qual o que está diretamente em jogo no poder é a produção e a reprodução da própria vida (HARDT; NEGRI, 2001, p. 42).

O biopoder “*não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes*” (FOUCAULT, 2000, p. 288-289). Ambas as espécies de poder passam, portanto, a coexistir no tempo e no espaço. São muitas as variações encontradas entre as duas mecânicas em questão: se o poder disciplinar faz-se sentir nos corpos dos indivíduos, o biopoder aplica-se em suas vidas; enquanto a disciplina tenta dar contorno definido à multiplicidade dos homens através do controle do corpo, o biopoder não é individualizante, mas massificante, uma vez que se dirige à multiplicidade dos homens, perpassando processos fundamentais da vida do nascimento à morte.

Dessa forma, num segundo momento o poder não se faz somente ou exclusivamente sobre o corpo, individualizando-o, mas é tomado de forma a atingir a multidão. Foucault coloca que:

Depois da anátomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma “biopolítica” da espécie humana (FOUCAULT, 2000, p. 291).

Trata-se de mecanismos, técnicas e tecnologias do poder que surgem a partir da segunda metade do século XVIII. Com o aparecimento das cidades e a preocupação com a espécie, o advento de problemas científicos e políticos relacionados à população (natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e migração), surge a preocupação com a assistência e com a seguridade como mecanismos racionais de otimização da força de trabalho.

Assim, a biopolítica remete a processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. A questão da higiene pública passa a ser importante em um projeto maior de sociedade, que adote o objetivo de gerir a vida do corpo social. Há, concomitantemente, produção de saber, uma vez que esse modelo é marcado por forte investimento político na vida, na "qualidade" das populações, na reprodução individual e coletiva. A Estatística e a Biologia, principalmente, passam a ser importantes nesse momento em que se necessita de demografias, políticas de natalidade, soluções no campo da saúde, dentre outros. O objetivo é gerar a vida, governar o viver fora do aprisionamento das sociedades disciplinares, de forma sutil, múltipla, capilar, ou seja, um biopoder circular e móvel, sem localização precisa, presente no cotidiano das inter-relações de uma sociedade.

O novo desenho social que desponta é a cidade com seus milhares de cidadãos. Esse aspecto é importante, segundo Foucault (1999), porque nem o poder da soberania nem o poder disciplinar operavam com essas noções. A cidade e a população passam a ser problemas políticos, da esfera do poder, que apresentam características peculiares. São essencialmente problemas coletivos, de massa, cuja ocorrência se dá sempre em série e nunca de forma isolada. O biopoder não

intervém somente no indivíduo, em seu corpo, como o poder disciplinar, mas nos fenômenos coletivos que podem atingir a população e afetá-la.

A vida entra no campo das técnicas políticas - é controlada pelo saber e pelo poder que atua para regular, otimizar um estado, construir equilíbrio global através de previsões e estatísticas. Precisa constantemente medir, prever, calcular tais fenômenos e, para isso, cria mecanismos reguladores que permitem realizar tais tarefas. A lei revela-se insuficiente para regular as relações sociais e é tomada pela norma. Foucault vislumbra a sociedade da normalização, *“efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida”* (FOUCAULT, 1985, p.135), que não é caracterizada pela difusão absoluta das técnicas disciplinares - é onde se combinam a disciplina e a regulamentação. A norma faz atuar poder disciplinar e biopoder, disciplina e regulamenta, aplica-se aos corpos e às populações.

No totalitarismo, o Estado está em todos os lugares mas é visível, possui um centro, algo que pode ser atacado. A formação da resistência e a busca por liberdade têm espaço definido. Na sociedade de controle, a dominação é difusa: o poder não é percebido, não é visível, submetendo o indivíduo. É um poder disseminado, oculto, subliminar, e toma força em grandes corporações e redes informacionais. É um poder sem centro, sem cara, mas ainda assim onipresente.

A reflexão sobre as configurações do poder desde meados do século passado é importante para a compreensão dos caminhos do sintoma na atualidade. Com a virada de Foucault e o desvelamento do poder disciplinar e do biopoder, a denúncia sobre a submissão dos indivíduos a esses poderes já está feita.

Contra o biopoder, a estratégia de resistência não é evidente. É nesse sentido que Gondar (2003) diz que o que singulariza a modalidade subjetiva é sua maneira de se diferenciar e resistir a processos homogeneizantes e universais.

Nas sociedades disciplinares, de instituições bem delineadas e demarcadas, os indivíduos podiam estabelecer oposição frente ao *socius*. Nessa linha de argumentação, a expressão do sintoma podia ser vista como resistência no sentido político e simbolização frente ao conflito. Tal mecanismo possui as condições necessárias na formação da neurose, que tem como fio condutor a presença do conflito entre o sujeito e uma lei e hierarquia fortes.

Já na sociedade de controle, o indivíduo não tem de forma clara mecanismos de universalização contra os quais se opor. O poder não é mais institucionalizado, mas mundializado, exercido por redes flexíveis e plurais. Não há ancoradouro na superfície social em que indivíduos estão inseridos, não há mais sulcos capazes de alicerçar a subjetividade. O estilhaçamento do quadro social configura superfícies lisas que impossibilitam a subjetividade de particularizar-se, *“pois não consegue criar objeções a essa universalidade abstrata”* (GONDAR, 2003, p.84). O indivíduo, nesse panorama, é deixado à própria sorte. O *socius* não proporciona mais os meios de singularização, cabendo ao próprio sujeito distinguir-se da massa, apoiado somente em seus próprios atos e recursos, impelidos a tomar uma atitude, uma iniciativa: *“o imperativo de agir a qualquer preço aliado a uma precariedade de referências subjetivas são os elementos fundamentais na produção do homem contemporâneo, caracterizando igualmente suas patologias”* (GONDAR, 2003, p.84). Nesse sentido, os sujeitos atuais não estariam às voltas com um conflito intrapsíquico, como na neurose, mas com um sentimento de insuficiência diante de exigências que os ultrapassam.

Cabe, então, pensarmos os sintomas psíquicos dentro da configuração por eles encontrada no tecido social. Não se pretende com isso uma discussão que aponte para colocações valorativas de qualquer “época histórica” ou poderes

estabelecidos (disciplinar e/ou controle). O que é relevante é indicar o debate que se forma em torno da sistemática do sofrimento psíquico na contemporaneidade, pois entendemos o sintoma como a forma mais singular de expressão e, ao mesmo tempo, aquilo que denuncia a organização social e cultural.

2.2. O paradigma epistemológico

Refletir sobre o lugar da produção do conhecimento e suas transformações no decorrer dos últimos séculos torna-se relevante pela importância que a apreensão do conhecimento tem enquanto máquina de produção de verdades, na configuração da sociedade e seus modos de subjetivação, modificando costumes, crenças, as formas de se relacionar, de trabalhar e – por que não? – de sofrer.

O conhecimento científico, como hoje é concebido, foi construído progressivamente desde o século XVI. Assim, o “paradigma epistemológico na pós-modernidade” (Santos, 1989) remete a outro anterior, moderno.

O projeto da modernidade entrou em foco com o advento da máquina a vapor que impulsionou o capitalismo e, no plano das idéias, com a filosofia das luzes durante o século XVIII. Após a Idade Média, surge o pensamento dito esclarecido, substituindo a religião pela ciência. Trata-se de um extraordinário esforço intelectual dos pensadores iluministas para “*desenvolver a ciência objetiva, a moralidade e a lei universais e a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas*” (HARVEY, 1989, p.23.) A idéia era usar o acúmulo de conhecimento gerado por pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária.

Assistiu-se, então, um esforço para se construir conhecimento e epistemologia capazes de transcender as particularidades de qualquer tradição e cultura. Para tanto, fez-se necessário estabelecer as bases de um consenso do qual emergiria um sentido universal e objetivo da realidade, baseado na racionalidade. Este consenso poderia ser obtido por um método (Descartes, 1996) ou através da experimentação (Bacon, 1999). Dessa maneira, firmou-se a epistemologia científica como marco da modernidade.

Com efeito, a instituição epistemológica na modernidade caracterizou-se pela predominância da busca da verdade, sem espaço para o meramente contingente: “*a racionalidade trabalhava no sentido de eliminar o acaso na natureza, a contingência na história e a fortuna na ética e na política*” (CHAUÍ, 1999, p.22).

Esse modelo de racionalidade foi desenvolvido essencialmente no seio das ciências naturais, seguindo regras metodológicas e princípios epistemológicos perfeitamente definidos, com base nos quais estabelece mesmo o caráter racional de uma forma de conhecimento. Sua característica mais marcante é uma confiança quase absoluta na capacidade de previsão da ciência, que resulta na convicção de que a explicação de todos os fenômenos está a seu alcance. A matemática, com suas idéias claras e objetivas, firma-se assim não só como principal instrumento desse paradigma científico, mas como seu próprio suporte lógico.

Emerge daí uma sociedade em que “*a produção de mercadorias e o progresso era um projeto interminável; um homem dinâmico e racional que transforma a natureza ao mesmo tempo que transforma a si mesmo*” (PEREIRA, 2002). Foi esse tipo de racionalidade que permitiu o avanço da técnica e do modo de produção capitalista atualmente dominantes.

Entretanto, tal paradigma parece estar hoje posto em xeque. Segundo Lyotard, uma das mais importantes características do pós-modernismo é evidenciar a falência dos grandes sistemas, a substituição “*de uma metalinguagem universal*” pela “*pluralidade de sistemas formais e axiomáticos*” (LYOTARD, 1986, p. 79). Dessa forma, a pós-modernidade romperia verdadeiramente com as antigas verdades absolutas, promovendo o declínio das filosofias explicativas e dos grandes textos esperançosos: o cristianismo e sua fé na salvação, o Iluminismo e sua crença na tecnociência e no progresso, o marxismo e sua aposta numa sociedade comunista. Os discursos globais e totalizantes perderam força em meio ao relativismo pós-moderno. O declínio das metas-narrativas foi motivado pela constatação da insuficiência da ciência para construir meta-prescrições comuns a todos os jogos de linguagem.

A pós-modernidade estaria ligada ao surgimento de um novo período, tendo no conhecimento a principal força econômica da produção, o que marca uma mudança geral na condição humana. Lyotard (1986) destaca ainda que a produção de conhecimentos é afetada em suas relações essenciais pelo enriquecimento das argumentações e pela complexidade da administração das provas, quando surge a discussão dos argumentos válidos para se “provar a prova”. Assim, se antes o que se buscava era o consenso, hoje a validade de um saber localiza-se em um dissenso. Mesmo o consenso livre pode tornar-se discussão sem fim, instrumento burocrático para impedir a discussão, eliminando o conflito e as possibilidades para o dissenso renovador (TRASFERETTI; GONÇALVES, 2003). Além disso, a ciência deixou de legitimar todas as outras formas de saber e de ação como a última metalinguagem. Dessa forma, “*a grande exigência do momento é esquecer as*

metanarrativas em prol de uma práxis localizada, isto é, de uma práxis da pluralidade e das possibilidades infinitas” (OLIVEIRA, 2003, p.27).

Para Santos (2004), a ciência em geral, inclusive as ciências sociais, pautava-se por um paradigma epistemológico e um modelo de racionalidade que davam sinais de exaustão tão evidentes que se poderia falar em crise paradigmática. O paradigma em questão é o positivismo, com sua pragmática dualista - a idéia de sujeito/objeto, natureza/cultura - e sua postura determinista, que separa o conhecimento científico de outras formas de conhecimento, como o senso comum ou os ditos humanísticos (SANTOS, 2004), considerando-o o único válido e rigoroso.

A razão certamente trouxe progressos para a qualidade de vida, com a possibilidade de usufruto, na atualidade, dos benefícios do desenvolvimento econômico, científico e tecnológico. Conhecemos melhor o mundo e criamos instrumentos que nos auxiliam a nele viver melhor. No entanto, convivemos também com destruição. Esse é um dos grandes paradoxos da epistemologia moderna: se, por um lado, a ciência e a técnica avançaram, talvez além do esperado, a contrapartida de prosperidade social e cultural não se concretizou, haja vista as duas Grandes Guerras mundiais, a invenção de armas de destruição em massa, a crise ecológica global, a concentração de riquezas, dentre outros aspectos sombrios desencadeados pela investigação científica desenfreada.

As guerras e os regimes autoritários que se espalharam pelo mundo mostraram o lado obscuro do uso dessa razão denominada *razão instrumental*, aquela que está a serviço da exploração e da dominação, da opressão e da violência, decorrente da usurpação da racionalidade para fins pragmáticos do capitalismo. As maiores crueldades do século foram resultado de grande investimento científico e tecnológico, incentivado por questões político-ideológicas

resultantes, na quase totalidade das vezes, de governos com práticas autoritárias. São crueldades decididas à distância e justificadas como necessidades operacionais. Recentemente, presenciamos a invasão anglo-americana ao Iraque. O mundo inteiro assistiu a destruição de um país, na suposta tentativa de desarmá-lo.

Tudo isso promoveu (e ainda promove) o colapso da razão e, conseqüentemente, dos sonhos da modernidade. A reação que despontou e que se denominou pós-moderna expôs sua fragilidade e foi à falência na crença da superioridade da razão sobre a emoção, superioridade da máquina sobre o homem, o sentido de propriedade, o desejo de liberdade manifestado pela revolução democrática. O mundo não se tornou tão bom e feliz como se acreditava. A qualidade de vida não correspondeu ao nível de evolução científica e tecnológica; os modelos políticos não trouxeram a prosperidade, a liberdade, a igualdade e a fraternidade apregoadas; os ideais de raça e de superioridade cultural e religiosa ainda se manifestam. O mundo dividiu-se entre ricos e miseráveis, acentuando a dependência e submissão. O progresso científico e tecnológico não foi capaz de suprimir a miséria e as doenças.

A democracia ocidental sofre hoje duro golpe, mesmo nos países ditos de primeiro mundo, a exemplo da França, onde grupos de jovens deixaram recentemente um rastro de carros e lojas queimados em várias regiões de Paris (OPSOMMER, 2005) em que vivem minorias, descendentes de imigrantes, frustrados por não conseguir trabalho ou reconhecimento na sociedade francesa. Tal movimento vem se alastrando não só pela França, mas por vários países europeus desenvolvidos. Tudo isso faz descortinar um sistema calcado não mais na lógica do Estado, mas na do mercado:

A alternativa imposta é a de conferir ao mercado uma presença muito maior nas tarefas de regulação social que antes cabiam ao Estado. Com isto, as

políticas de igualdade de oportunidades dão lugar, no melhor dos casos, às políticas de emprego e de empregabilidade (SANTOS, 2005).

É diante desse paradigma da modernidade que emerge o paradigma denominado pós-moderno (SANTOS, 1989), defendendo a primazia do conhecimento científico ancorado em uma racionalidade mais ampla na superação da dicotomia. Citando Wittgenstein, o autor afirma ser intoleravelmente alienante concluir que a acumulação de tanto conhecimento sobre o mundo tenha se traduzido em tão pouca sabedoria do homem consigo próprio, com os outros, com a natureza.

A vocação técnica e instrumental do conhecimento científico tornou possível a sobrevivência do homem a um nível nunca antes atingido (apesar de a promessa social ter ficado muito aquém da promessa técnica), mas, porque concretizada sem a contribuição de outros saberes, aprendemos a sobreviver no mesmo processo e medida em que deixamos de saber viver (SANTOS, 1989 p.148).

Nesse sentido, argumenta que todo conhecimento científico visa transformar-se em senso comum:

(...) a ciência pós-moderna sabe que nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional; só a configuração de todas elas é racional. Tenta, pois, dialogar com outras formas de conhecimento deixando-se penetrar por elas. A mais importante de todas é o conhecimento do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos as nossas ações e damos sentido à nossa vida. (...) É certo que o conhecimento do senso comum tende a ser um conhecimento mistificado e mistificador mas, apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico (SANTOS, 2002, p. 55-56).

Uma das características dessa nova produção do conhecimento é que o mesmo não é produzido apenas na academia, na Universidade, mas também, e muito mais, socialmente. A dimensão subjetiva, tão combatida pelo paradigma dominante, ganha agora importância fundamental. Santos chega a afirmar que "*todo conhecimento é auto-conhecimento*" (SANTOS, 2002, p. 52). Em uma inversão completa dos papéis definidos pelo paradigma dominante, agora é o senso comum considerado a forma de conhecimento mais importante, pois é ele que, no cotidiano, orienta as ações e a compreensão da realidade, por exemplo, através da educação

permanente, da mídia, da internet, desviando-se da epistemologia da ciência moderna.

Entretanto, feita a ruptura epistemológica, o ato epistemologicamente mais importante passa a ser:

A ruptura com a ruptura epistemológica. Significa que deixou de ter sentido criar um conhecimento novo e autônomo em confronto com o senso comum (primeira ruptura) se esse conhecimento não se destinar a transformar o senso comum e a transformar-se nele (segunda ruptura) (SANTOS, 1989, p.147).

Reconhecer a falência das certezas é tomar consciência da crise paradigmática atual. Tradicionalmente, associa-se à idéia de “crise” uma noção desfavorável de fim, derrota ou morte. Entretanto, a etimologia da palavra tem sua origem na medicina de Hipócrates, referindo-se à transformação decisiva que ocorre no ponto culminante de uma doença: nesse ponto crítico, o desenvolvimento da doença poderá adotar um caminho favorável ou não, de vida ou de morte (ABAGNANO, 1999).

Em “A crítica da razão indolente”, Santos (2000) aborda a transição paradigmática pela qual passa a humanidade, considerando-a

um período histórico e uma mentalidade. É um período histórico que não se sabe bem quando começa e muito menos quando acaba. É uma mentalidade fraturada entre lealdades inconsistentes e aspirações desproporcionadas, entre saudosismos anacrônicos e voluntarismos excessivos. Se, por um lado, as raízes ainda pesam, mas já não se sustentam, por outro, as opções parecem simultaneamente infinitas e nulas. A transição paradigmática é, assim, um ambiente de incerteza, de complexidade e de caos que repercute nas estruturas e nas práticas sociais, nas instituições e nas ideologias, nas representações sociais e nas inteligibilidades, na vida vivida e na personalidade (SANTOS, 2000, p.32).

O quadro da crise tem levado à rediscussão do papel e dos limites da racionalidade em adequação aos novos tempos. Diante da ausência do discurso meta-narrativo nas práticas científicas, sociais, políticas e coletivas, as normas declinam e os indivíduos passam a contar somente com a própria experiência como

elemento norteador de suas percepções, reflexões e escolhas, remetendo-se a seu interior como medida de todas as coisas.

A função narrativa perde seus atores, os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas sui generis. (LYOTARD, 2002, p. xvi).

A experiência subjetiva pós-moderna torna-se fragmentada, relativa, deixando de ser narrativa e perdendo seu aspecto diacrônico. O encadeamento entre passado, presente e futuro dissolve-se, evidenciando apenas o momento presente, através de uma coleção de fragmentos: não há lugar para conceitos absolutos.

Essa crise paradigmática vai afetar a maneira de se constituir o tecido social. Outras formas de se entender o mundo e vivenciar o cotidiano são proporcionadas pelos rearranjos culturais, de crenças, valores, trabalho, entre outros. Se antes a explicação do mundo era verticalizada e estática, apaziguando a angústia da dúvida às custas da infantilização do pensamento e de seu aprisionamento em contextos unívocos, agora é a multiplicidade de discursos que impera. Não temos mais *trilhos* a seguir, mas uma variedade de *trilhas* que beira o infinito, estilhaçando “certezas” e fomentando a angústia da escolha.

2.3. “Tudo o que é sólido desmancha no ar”: a liquefação da cultura

A reflexão sobre as configurações do poder e do saber deve ser completada pela reflexão sobre o paradigma da sociedade pós-moderna, já que mudanças de longo alcance não foram apanágio exclusivo de determinada instituição, mas introduziram transformações em todas as áreas da vida.

A Modernidade apresenta múltiplos aspectos temáticos, revoluções formais de toda a ordem e visões de mundo renovadoras. Ela expressa uma nova forma do homem ocidental ver, sentir e interpretar a existência, abrindo as portas do mundo para que este fosse conhecido e modificado. Segundo Pereira (2001), a natureza passou a ser um bem em si mesma, a ser transformada e conquistada. A possibilidade de domínio científico acenava com a ambicionada segurança, que afastaria os infortúnios ligados à imprevisibilidade do mundo natural (desde condições climáticas e geográficas a doenças físicas e mentais). A natureza deveria submeter-se ao poder da razão humana.

De acordo com Pereira (2001), teve início uma nova estrutura social e econômica e, conseqüentemente, um novo processo societário, envolvendo maneiras de pensar, práticas morais e ideais éticos, formas de consciência religiosa, de arte e de ciência.

2.3.1. A arte

A efetiva manifestação de novas concepções de vida e de arte deu-se nas três primeiras décadas do século XX, quando do confronto entre o novo e tudo aquilo que representava a tradição, isto é, as formas culturais e ideológicas do passado. Distanciando-se da religião, a arte tornou-se mais e mais autônoma, alavancada pelo aparecimento da produção artística para o mercado.

Eagleton (1993) afirma que a arte nesse período deixa de servir o poder político e liberta-se de suas funções no interior da Igreja, do tribunal e do estado, passando a reger-se por suas próprias leis. Seu significado tornou-se, então, meramente suplementar, ligado ao lado afetivo, instintivo, não-instrumental da *psique*, uma espécie de válvula de escape. Sua independência em relação ao ético e ao político, porém, deu-se de forma paradoxal, na medida em que aconteceu em

função de sua integração ao mercado, de sua transformação em mercadoria. A estética, em contraposição, propôs-se a reverter o processo de divisão das áreas da história, atuando na verdade e na moral e conduzindo artistas, arquitetos e escritores a exprimir o mundo cada vez mais confuso e fragmentado através de novas linguagens que, em meio ao caos vigente, traduzissem o universal e o eterno nele contidos. Com o crepúsculo da modernidade, as manifestações culturais e estéticas propuseram-se a adotar e acolher a fragmentação, a efemeridade, a descontinuidade, contra a totalização e a teleologia das grandes narrativas, visando o particular contra o geral.

As artes assim concebidas deixam de ser representação e passam a ser criação, no sentido estrito do termo. Características significativas das novas linguagens são, por exemplo: na pintura, a incongruência, a assimetria, o não-figurativo; na arquitetura, o primado da realidade funcional; na música, o uso de harmonias dissonantes, a escritura atonal; na literatura, a quebra da sintaxe, a busca de narrativas conscientes da temporalidade, da transitoriedade da vida, voltadas para o registro da intensidade e da experiência interior.

Essa revolução comandada por artistas alcançou todos os setores criativos, recebendo o nome de *Arte Moderna*. Sua expansão foi imediata, atingindo incontável número de países fora da Europa, entre os quais o Brasil. A importância maior das vanguardas residiu no triunfo de uma concepção inteiramente libertária da criação artística. O pintor, o escritor ou o músico não precisavam mais se guiar por outras leis que não as de sua interioridade e de seu arbítrio. Passa a valer tudo o que possibilitasse o sucesso, o bem-estar pessoal, o acesso ao que o mundo podia oferecer, tornando evidente no campo da estética em geral e da arte em particular. Não existem mais regras:

(...) não existe mais mundo unívoco evidente, e sim uma pluralidade de mundos particulares a cada artista, não existe mais uma arte, e sim uma diversidade quase infinita de estilos individuais. O lugar-comum segundo o qual se diz que o belo é uma questão de gosto se tornou por fim realidade (FERRY, 1994, p.25).

Ocorreu, portanto, uma dessacralização e uma ênfase da racionalização das visões de mundo e, segundo Rouanet (1998) em sua análise de Weber, a substituição desses aspectos por esferas axiológicas diferenciadas até então embutidas na religião, como a ciência, a moral e a arte.

2.3.2. O sentido do sagrado na pós-modernidade

A modernidade mexeu com o sentido contemporâneo de sagrado, gerando a crença de que a racionalidade do homem é o que terá efeito sobre o mundo. O resultado dessa nova lente é, segundo Bingemer (2003), a redução do lugar que ocupavam, em relação ao mundo de nossos antepassados, os símbolos, os sinais e as afirmações da fé, quase sempre embasados pela tradição judaico-cristã.

Desde as duas Guerras Mundiais, no entanto, a humanidade encontrava-se em um profundo processo de mudança de paradigma e transformações na cultura. As promessas de um mundo melhor calcado na razão foram frustradas pela industrialização descontrolada, pelas sucessivas agressões à natureza e a consciência dos perigos do seu aproveitamento desmedido, pelo consumismo desenfreado, dentre outros.

Com isso, o homem cada vez mais abandona a razão em prol do afeto. Ao mesmo tempo, o pensamento perde seu fundamento de certeza. A verdade passa a ser tida como alcançável somente em um contexto parcial e localizado. No campo da ética, vence o individualismo. Valoriza-se mais o que se pode ganhar do que o que se pode fazer para melhorar a vida de todos.

A dimensão espiritual também sofre o impacto desse rearranjo contemporâneo. Igrejas transformam-se em verdadeiras máquinas do sistema

capitalista. Empresários falidos, artistas em fim de carreira, jogadores de futebol mal-sucedidos, empregados sem qualificação, pessoas de toda sorte correm para as infundáveis campanhas em busca de reverter a pretensa "maldição" que paira sobre suas vidas:

a divindade pós-moderna só existe para servir os caprichos das pessoas. Os cultos se transformaram em centros de aperfeiçoamento e aprimoramento humano. As igrejas deixaram de ser espaços para se cultivar a divindade, especializaram-se em ensinar como manipular Deus. As liturgias espiritualizam as técnicas mais populares de como "liberar o poder de Deus", "afastar encostos", "tomar posse dos direitos", "conquistar gigantes". As pessoas se aproximam de Deus cheias de direitos, vontades, acreditando que são o centro do universo e que tudo e todos lhes devem obrigações (GONDIN, 2004).

De acordo com Bingemer (2003), vivemos em um mundo onde a religião desempenha mais o papel de cultura e força civilizatória do que propriamente de credo. Neste sentido, o pluralismo que é fruto da globalização⁴ afeta não apenas os terrenos econômico e social, mas também político, cultural e religioso. Em relação a esse último, tem-se, de um lado, o diálogo entre a descrença e a indiferença religiosa e, de outro, religiões ou práticas místicas. Novo e antigo entrecruzam-se e interpelam-se reciprocamente, sob a égide do panteísmo. Assiste-se

a privatização da vida religiosa, que vai de par com a autonomia do homem moderno, diferente da religiosidade que regia o mundo teocêntrico medieval. Cada um compõe sua própria "receita" religiosa e o campo religioso passa a se assemelhar a um grande supermercado, assim como também a um "lugar de trânsito" onde se entra e sai (BINGEMER, 2003, p.370).

Surgem as mais diversas expressões religiosas, que oferecem conforto, consolo e promessas de melhores dias a seus devotos, em um "carnaval religioso" de "filosofias" para todos os gostos, combinadas a valores da modernidade. A vida religiosa, comprometida com o individualismo, passa para o âmbito das interpretações e práticas pessoais, que requer pouco e só oferece recompensas. O

⁴ Por globalização entende-se a vida em um mundo que tende ao rompimento e à dissolução das fronteiras da economia, da cultura e da sociedade (LOMBARDI, 2001).

carro-chefe do discurso de proselitismo é o questionamento de valores difíceis de sustentar: o emprego pouco compensador, o estudo, a vida familiar sem gratificação, os vícios, as doenças, os relacionamentos conflituosos, etc.

A pós-modernidade, portanto, não implicou na extinção da religião, mas no declínio de sua centralidade como forma e instrumento hegemônico de organização social. Surgem novas configurações, desinstitucionalizadas, “*plural e multiforme, selvagem e mesmo anárquica, sem condições de voltar a sua configuração pré-moderna*” (BINGEMER, 2003 p. 370). Desponta a Igreja como empresa que batiza, faz casamentos e enterros e cobra dízimos. A secularização confina a esfera de sua atuação a limites mais restritos, mas não a apaga enquanto fenômeno social.

Bingemer (2003) vai dizer que o ser humano que viveu a crise da modernidade e hoje nada em águas pós-modernas é como um “peregrino” que caminha por entre as diferentes propostas que compõem o campo religioso, sem problemas em passar de uma para outra ou de fazer sua própria composição, com elementos de mais de uma proposta. Difere-se do adepto da religião institucional que adere a uma só religião e nela permanece, ou do ateu ou agnóstico que nega a crença em qualquer religião. Não se persegue mais o padrão rígido, pesado: o que se busca é a maleabilidade, a desconstrução/construção da trama social. Parafrazeando Marx, “*tudo que é sólido desmancha no ar*” (BERMAM, 1986, p. 15).

2.3.3. A liquefação da cultura: do narcisismo à sociedade do espetáculo

Segundo Bauman (2001), o declínio do sagrado e das tradições, dos direitos cotidianos e das obrigações que não permitiam iniciativas fora do previsto proporciona sentido dinâmico à modernidade do mundo previsível e administrável, denominada “modernidade sólida”. A época contemporânea vê os sólidos

liquefazem-se, as instituições desmaterializam-se, as crenças e tradições serem derrubadas, tornando-se fluida:

Os fluidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam; são filtrados, destilados, diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados (BAUMAN, 2001, p. 08).

A crise do paradigma dominante no pensamento científico encontra paralelo inquietante na mudança social que podemos assistir desde meados do século passado e que se estende aos dias de hoje. Com a contestação do sistema capitalista, as minorias que não podiam gozar desse sonho dourado se rebelam contra o preconceito, as restrições sexuais e toda forma de miséria cotidiana. Grandes manifestações estudantis que eternizaram o ano de 1968⁵, manifestações promovidas por grupos de mulheres que lutavam pela igualdade de direitos, incluindo a emancipação da sexualidade feminina, greves de trabalhadores: todos esses fatos colocam em xeque as exigências de uma ordem capitalista.

Concomitantemente, houve profundo avanço na tecnociência: o cotidiano é invadido por objetos que alteram a vivência da realidade, a televisão promove a desterritorização na medida que o sujeito é atingido por algo que mostra o que acontece a muitos milhares de quilômetros. O celular e a internet e a conseqüente popularização desses trazem novas realidades e formas de relacionamento. Esses aspectos vão proporcionar configurações singulares na colcha de retalhos social, tendo como principal característica a não-permanência de estilos, de moda, de consumo, de lazer, dentre outros aspectos.

⁵ "1968 foi fruto de uma longa série de acontecimentos mundiais e de uma série de correntes de pensamentos internacionais, que já ligavam a emergência de novas formas de lutas à produção de uma nova subjetividade — quando mais não fosse, na crítica ao centralismo e nas reivindicações qualitativas, relativas à 'qualidade de vida'" (DELEUZE, 1988, p.123).

Advêm dessa cartografia as acentuadas modificações das noções de tempo e espaço⁶, pelo surgimento de tecnologias de transporte de homens, produtos e informações, determinando novas existências na contemporaneidade. A arte, a música e a arquitetura, imbuídas do pluralismo cultural, têm como regra, paradoxalmente, a própria falta de regras. Soma-se a isso a exaltação do consumismo e do individualismo. Objetos oferecidos ao consumo passam a atuar como precárias matrizes de identidade.

Guy Debord (1997) afirma que a vida se tornou pobre e que os indivíduos são obrigados a contemplar e consumir passivamente imagens do que lhes falta na vida real, na acumulação de espetáculos em que o indivíduo se aliena: "*quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo*" (DEBORD, 1997, p. 44). A mídia torna-se imperiosa e impositiva pelo gigantismo da imagem. Já não é preciso ler, pensar, refletir: basta ver.

As circunstâncias atuais caracterizam-se então por uma velocidade vertiginosa de alterações socioculturais. O indivíduo tende a sentir-se confuso diante da velocidade com que o seu mundo se modifica, o que torna nebulosa sua própria inserção e faz evaporar todas as certezas.

Ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo adiamento da satisfação, como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação: o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da auto-congratulação tranqüila movem-se rápido demais (BAUMAN, 2001 p. 37).

Perante as rápidas transformações que vivenciamos nesse fim de milênio, cada vez mais complexas e muitas vezes distanciadas da experiência individual, as

⁶ Harvey (1989) debate a "compressão do tempo-espaço", decorrente do rápido fluxo de informações e da facilidade de se cruzar o espaço graças a inovações nos transportes na atualidade.

novas configurações que se apresentam requerem um aparato de percepções que ainda não detemos. As transformações do mundo ocorrem em velocidade muito superior à capacidade do homem de pensá-las e refleti-las.

O sistema capitalista, baseado no consumismo, utiliza-se da construção de subjetividades como meio de produção. Assim, o que se apresenta hoje é a criação de consumidores para produtos, e não o contrário. Produtos sem outro sentido que não o de preencher a necessidade de quem consome.

“A produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção. As forças sociais que administram o capitalismo hoje entendem que a produção de subjetividade talvez seja mais importante que qualquer outro tipo de produção, mais essencial até que o petróleo e as energias, visto que produzem esquemas dominantes de percepção do mundo” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 40).

Com a expansão e o poder dos meios de comunicação, cria-se o fenômeno de *industrialização da subjetividade*, produzida de forma social “*de cima para baixo, para os supostos indivíduos, que consomem os produtos e as técnicas de subjetivação como qualquer outro produto*” (BENEDIKT, 2003, p. 107). Produz-se algo onde antes não havia nada, inventando objetos para serem consumidos.

Logo, as subjetividades têm que construir permanentemente seus referenciais internos, suas crenças, seus valores. Não se quer dizer, com isso, que em épocas anteriores esses referenciais internos não existiam. Entretanto, os mesmos encontravam referências externas que os endossavam ou a eles se contrapunham. Hoje, recai-se na obrigação de criar internamente referências de identidade sem contar com referenciais externos, que se tornaram frágeis, instáveis e cada vez menos consistentes.

Dessa forma, a sociedade pós-moderna pode ser caracterizada pela cultura do narcisismo (LASCH, 1984) e pela sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), que engendram subjetividades em que as possibilidades de reinvenção do sujeito e do

mundo estão enredadas em um discurso normativo, dominado pelo que pode ser percebido objetivamente.

Aqui se encontram os destinos do desejo: em uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, que tem como contrapartida o esvaziamento do intersubjetivo e o desinvestimento nas trocas inter-humanas: "*esse é o trágico cenário para a implosão e a explosão da violência que marcam a atualidade*", acompanhada da "crescente volatilização da solidariedade" (BIRMAN, 1999, p. 24).

No bojo da "sociedade narcísica do espetáculo", o individualismo e o autocentramento atingem seu ponto máximo com o apagamento da alteridade e da intersubjetividade, ao lado do enaltecimento exacerbado de si mesmo. Esse autocentramento, portanto, é desprovido de interioridade e caracterizado pelo excesso de exterioridade, de exibicionismo, como as construções repletas de vidros e espelhos da arquitetura pós-moderna que, refletindo a paisagem urbana na tentativa de não se fazer visível, revela-se. Os indivíduos percebem o mundo como espelho de si mesmos e "*não se interessam por eventos externos, a não ser que estes promovam um reflexo de sua própria imagem. Impera uma cultura terapêutica, que cultua o corpo esteticamente disciplinado*" (PEREIRA, 2004, p.131).

Institui-se assim, "*(...) a hegemonia da aparência (...) o sujeito vale pelo que parece ser (...)*" (BIRMAN, 1999, p. 167). A psicopatologia da pós-modernidade define-se justamente por isso,

pelo fracasso de muitos sujeitos - deprimidos, toxicômanos e panicos - em realizar a glorificação do eu e a estetização da existência. Essas patologias (e não outras) têm recebido maciço investimento financeiro de grandes laboratórios farmacêuticos internacionais para a realização de pesquisas predominantemente de ordem biológica e psicofarmacológica (BIRMAN, 1999, p. 169).

Frente a estes novos desafios, Birman (1999) propõe que "*repensemos, com urgência, os fundamentos de nossa leitura da subjetividade*". Trata-se de pensar os

"destinos do desejo na atualidade", para que nos aproximemos do que há de sofrimento nas novas formas de subjetivação, "circunscrevendo então o campo do mal-estar contemporâneo" (BIRMAN, 1999, p. 16).

2.3.4. A estetização do corpo

Frente à efemeridade dos acontecimentos, a cultura contemporânea enfatiza a personalidade centrada no eu, traduzida em uma intensidade máxima de prazer - o hedonismo. Observa-se uma ressacralização do corpo, venerado em verdadeiros cultos, com mandamentos a serem seguidos, não havendo mais a contradição entre o sagrado e o profano. Passa-se a viver sob a regra vigente do silicone, da lipoaspiração do excedente e da proibição de envelhecer.

Assim, a preocupação excessiva com a estética e a supervalorização do corpo são marcas profundas da pós-modernidade, tornando-o, via sistema capitalista, um produto que pode ser comercializável e, por consequência, fonte de renda, altamente explorável enquanto imagem, produzindo subjetividades que têm como pano de fundo uma mensagem de êxito que gera lucratividade.

O corpo surge com uma valorização sem precedentes, como mais um objeto da moda, que indica os rumos de um gozo calcado na estética, na "moral das sensações"⁷ (COSTA, 2004). Decorre daí o grande investimento no corpo, mediante atitudes e práticas cotidianas que demonstram "*angústia da idade e das rugas, obsessões com a saúde, com a de 'linha', com a higiene: rituais de controle (check-up) e de manutenções (massagens, sauna, desportos, regimes), cultos solares e terapêuticos, etc.*" (LIPOVETSKY, 1983, p.57-58). Dessa forma:

⁷ De acordo com Costa (2004, p. 92): "a noção de moral das sensações compreende a satisfação com dois ideais de prazer difundidos na cultura atual. O primeiro corresponde, aproximadamente, ao que o senso comum crítico ou ordinário chama de 'hedonismo' ou 'narcisismo'. Esse é o sentido menos evidente e mais pedestre da expressão. Admite-se, sem fundamento empírico, que a maior parte dos sujeitos, hoje, condicionou a satisfação ou auto-realização pessoal ao gozo do êxtase sensorial".

o cuidado de si, antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, dirige-se agora para a longevidade, a saúde, a beleza e a boa forma. Inventou-se um novo modelo de identidade, a bioidentidade, e uma nova preocupação consigo, a bioascese, nos quais a fitness é a suprema virtude (COSTA, 2004, p. 190).

Há uma vivência de perda que se associa à proliferação de apelos ao consumo e ao sucesso. Essas são *“as razões para considerar ‘fluidez’ ou ‘liquidez’ como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, ‘nova’ de muitas maneiras, na história da modernidade”* (BAUMAN, 2001, p. 09). Ressalta-se a tenuidade dos vínculos humanos nesse contexto, especialmente nas regiões mais prósperas e tecnologicamente avançadas do mundo, fenômeno que recebe algumas denominações: precariedade, instabilidade, vulnerabilidade – todos na tentativa de captar a experiência combinada da falta de garantias (de posição, títulos e sobrevivência), de certezas (em relação à continuação e estabilidade futuras) e de segurança (do corpo, do eu e de suas extensões: posse, vizinhança, comunidade).

2.4. A instituição das relações de parentesco na pós-modernidade

Na história dos agrupamentos humanos, as relações de parentesco precedem todas as demais, seja como fenômeno biológico ou social. Diante da pós-modernidade, torna-se importante pontuar as transformações que essa instituição vem sofrendo, pois *“a família vai ser a concretização de uma forma de viver os fatos básicos da vida”* (SARTI, 2000, p.40).

As relações de parentesco que constituem a família proporcionam o fenômeno humano em que se funda a sociedade, não sendo possível compreendê-

la senão à luz da interdisciplinaridade. Para Sarti (2000), o universo familiar não é totalidade homogênea, mas espaço de relações diferenciadas.

Torna-se necessário perceber a família de acordo com os movimentos que constituem as relações sociais ao longo do tempo e do espaço cultural. Entende-se, dessa forma, que as estruturas familiares são guiadas por variantes na perspectiva espaço-temporal, buscando atender as expectativas da sociedade e as necessidades do homem: *“a história da família é longa, não linear, feita de rupturas sucessivas”* (PERROT, 1993, p. 75). Percebe-se a variabilidade histórica da feição da família, adaptando-se às necessidades sociais de cada tempo, lugar e situação cultural.

Se a família tem seu aspecto atrelado à visão de homem e de sociedade, muda de acordo com novas conquistas e descobertas, sem submeter-se a idéias estáticas, presas a valores de um passado distante ou suposições incertas de um futuro remoto. Nesse sentido, *“é inegável que a família, como realidade sociológica, apresenta, na sua evolução histórica, desde a família patriarcal romana até a família nuclear da sociedade industrial contemporânea, íntima ligação com as transformações operadas nos fenômenos sociais”* (FACHIN, 1999, p.11). É lícito, pois, concluir sobre a importância de uma compreensão da instituição familiar contemporânea, considerados os avanços técnico-científicos e a natural evolução filosófica do homem.

Na modernidade, a família organizava-se de forma patriarcal, hierarquizada e transpessoal. Naquela ambientação, necessariamente matrimonializada, imperava a regra do *“até que a morte nos separe”*, admitindo-se o sacrifício da felicidade pessoal em nome da manutenção do vínculo de casamento.

Compreendia-se também a família como unidade de produção, vigorando os laços patrimoniais. Em muitas culturas, as famílias mantinham-se unidas visando a formação de patrimônio, importando menos os laços afetivos. Daí as dificuldades de dissolução desse vínculo, pois a desagregação da família correspondia à desagregação da própria sociedade de capital. Era esse o modelo estatal de família.

Entre as mudanças do mundo contemporâneo, nenhuma é sentida de forma tão intensa quanto as que se dão na vida pessoal dos indivíduos: na sexualidade, no casamento, nas formas de expressão de afetividade, etc. (GIDDENS, 2000). Assim, a transição da família como unidade econômica para uma compreensão igualitária de seus membros reafirma uma nova feição, fundada no afeto, no amor romântico. Seu novo balizamento evidencia um espaço privilegiado para que os humanos embalem os sonhos de “completude”.

O crepúsculo da compreensão familiar nos moldes do patriarcalismo torna-se evidente: a sociedade avançou, preocupando-se com novos valores, realçando o individualismo, e o desenvolvimento científico atingiu limites nunca antes imaginados. Tudo isso ultrapassa e rompe definitivamente a concepção tradicional da família. A sociedade moderna traz um modelo familiar descentralizado, democrático, igualitário, passando o afeto para o lugar de mola propulsora.

A nova visão da família afirma *“um relacionamento baseado na comunicação emocional, em que as recompensas derivadas de tal comunicação são a principal base para a comunicação do relacionamento”* (GIDDENS, 2000, p.70). Relacionamentos sexuais e afetivos, a amizade e a relação estabelecida entre pais e filhos passam a ser compreendidos por uma nova ótica, alicerçada por um mundo altamente tecnológico e globalizado, onde diferenças culturais diminuem pelo poder das formas de comunicação. Desaba o sistema de idéias e relações fundamentadas

na classificação tipológica e na hierarquia, sendo substituídas por modelos mais participativos e descentralizados.

A década de 60 marcou o início de conquistas significativas da mulher, como sua inserção no mercado de trabalho em funções anteriormente exercidas apenas por homens, e a criação da pílula anticoncepcional, dissociando o sexo da procriação e associando-o ao prazer. Dados como esses demonstram que a pós-modernidade desconsidera todo poder que reivindica o controle totalizante, como o patriarcalismo. Do ponto de vista de Vaitsman (1994), é justamente a ruptura da dicotomia entre papéis públicos e privados atribuídos aos gêneros que proporciona o esgotamento de um tipo tradicional de família ou casamento.

Deixando a família de ser compreendida como núcleo econômico e reprodutivo, avançando para uma compreensão sócio-afetiva, surgem novas representações sociais, novos arranjos familiares. O casamento deixa de ser ponto referencial necessário para a proteção e o desenvolvimento.

Na modernidade, a ascensão sócio-econômica da burguesia trouxe valores diferentes dos medievais, e um novo modelo de organização familiar. Modelo este que costuma ser chamado de família burguesa ou família nuclear - restrito ao núcleo pai-mãe-filho(s). Nesta família, mãe e pai têm funções bem definidas: a ela caberia o cuidado com a casa, o marido e os filhos; a ele, o sustento da família através do trabalho remunerado. Os papéis públicos seriam associados aos homens, enquanto os papéis privados estariam associados a mulheres e crianças, ao mundo do trabalho doméstico e à satisfação das necessidades afetivas da família (VAITSMAN, 1994, p. 16).

Esse modelo, hoje, parece estar em crise. É crescente o número de casais separados ou divorciados, madrastas e padrastos, mães e pais que criam filhos sem

a ajuda de um cônjuge. A mulher, não mais confinada às atividades domésticas, conquista um espaço cada vez maior no mercado de trabalho - e, não raro, culpa-se por não dedicar aos filhos a atenção que julga dever. As famílias constituem-se de forma mais ampla, recombinao laços de parentesco, incluindo novos parceiros (marido da mãe/esposa do pai) e filhos e irmãos agregados. Paradoxalmente, a despeito do grande número de separações, os casamentos e recasamentos ainda prevalecem. Conseqüentemente, as relações familiares contemporâneas tomam contornos tentaculares.

muitas pessoas, adultos e crianças, vivem hoje em famílias 'de adoção' - em geral não, como em épocas anteriores, em conseqüência da morte de um dos cônjuges, mas por causa da reorganização de laços familiares após o divórcio. Uma criança numa família 'de adoção' pode ter duas mães e dois pais, dois conjuntos de irmãos e irmãs, além de outras relações complexas de parentesco resultantes dos múltiplos casamentos dos pais. Até a terminologia é difícil: deveria a madrasta ser chamada de mãe pela criança, ou por seu nome próprio? (GIDDENS, 2002, p. 19).

Essas transformações “*difundiram-se entre homens e mulheres urbanos, portadores de valores individualistas, anti-autoritários e igualitários (...)*” (VAITSMAN, 1994, p. 13). Afrouxam-se antigas normas que viam no casamento uma união indissolúvel, e fragiliza-se a visão de tal instituição como fonte da “felicidade eterna”.

A manutenção do casamento – e conseqüentemente da família – subordinou-se à satisfação emocional, princípio que passou a orientar comportamentos e estimular as pessoas a recusar relações íntimas sentidas como insatisfatórias (VAITSMAN, 1994, p.14).

O casamento, assim como outras dimensões da atualidade, funda-se na satisfação individual que possa trazer, permitindo que se recorra a novas relações sempre que a atual deixe de atender às expectativas:

há poucos traços tão relevantes na subjetividade moderna quanto a paixão pela mudança e, por conseqüência, a ojeriza da mesmice. O gosto pela novidade é crucial em nossas vidas. E isso funciona como incentivo essencial para o sistema de produção e consumo no qual vivemos (...) O cônjuge torna-se a encarnação dos motivos pelos quais desistimos do novo e da aventura. Ele é o responsável pelo nosso tédio, culpado de toda

estagnação (...) O casal torna-se descartável como a esferográfica e o isqueiro. Não funciona mais? Jogue fora (...) (CALLIGARIS, 2001, p. E11).

As formas de se arquitetar a família na pós-modernidade têm implicação na clínica contemporânea. Muitas das queixas apresentadas por indivíduos ou casais estão associadas a problemas de relacionamento, envolvendo filhos, discrepância entre a idealização e a realidade da vida a dois, tipos de escolhas amorosas, separações e divórcios.

A sociedade pós-moderna aponta para uma transformação radical nas condições da vida, que acentuou os sentimentos de insegurança e as incertezas quanto ao futuro. Assim, colocar objetivos distantes parece não ser a atitude mais atraente: *“qualquer oportunidade que não for aproveitada aqui e agora é uma oportunidade perdida (...)*” (BAUMAN, 2001, p.187). Laços e parcerias humanos vão caminhar dentro da lógica de qualquer outro objeto de consumo:

compromissos do tipo “até que a morte nos separe” se transformam em contratos do tipo “enquanto durar a satisfação”, temporais e transitórios por definição, por projeto e por impacto pragmático – e assim passíveis de ruptura unilateral, sempre que um dos parceiros perceba melhores oportunidades e maior valor fora da parceria do que em tentar salvá-la a qualquer – incalculável – custo (BAUMAN, 2001, p.187).

Observa-se uma constante busca de satisfação pessoal, tornando as relações duradouras algo excessivamente difícil. Se o que manda é a satisfação instantânea, qualquer coisa ou pessoa que não tenha óbvia relevância nesse objetivo será um entrave e, conseqüentemente, não tolerada. As dificuldades da vida familiar testemunham principalmente a crescente afirmação dos direitos individuais face aos interesses de grupo. Os encontros sociais que marcavam os ciclos da vida comunitária, como festas, práticas religiosas e diálogo familiar, são cada vez menos freqüentes e mais marcados pela lógica do mercado, tornando-se impessoais.

É frente a esse mosaico pós-moderno de tendências, modas, superficialidade, rompimento com as certezas da ciência, novas configurações sociais e familiares e

formas etéreas de controle que homens e mulheres constroem suas identidades e expressam seus sofrimentos. Essas mudanças originam um incremento de angústia pelo confronto de identificações, incompatibilidade de valores, sentimentos de ansiedade e culpa, vivência de divisão e conflitos internos. A organização do grupo familiar é afetada, assim como a estruturação do psiquismo e o processo de subjetivação dos filhos.

2.5. Algumas considerações sobre o sofrimento psíquico na pós-modernidade

Toda a atmosfera cambiante da cultura ocidental tem proporcionado questionamentos sobre o impacto dessas mudanças nas mais diversas dimensões. Interessa-nos uma discussão que ocupa teóricos e clínicos das áreas “psi”: os sintomas psíquicos contemporâneos ou pós-modernos. Embora a discussão tenha se tornado recorrente nos meios acadêmicos, ainda está longe de um consenso.

As reflexões feitas neste trabalho não buscam uma possível “verdade” sobre o sofrimento psíquico atual. Elas só têm validade quando levados em conta seu contexto teórico, os entrevistados escolhidos e suas vertentes teórico-práticas, além da subjetividade do pesquisador.

Ao apontarmos os sintomas contemporâneos que têm tomado as discussões entre os estudiosos, não buscamos enquadrar a expressão do sofrimento, mas trazer à superfície a reflexão em torno da construção representativa do sofrimento diante da relação imbricada com o social: *“a realidade psíquica não existe no vazio”* (MEZAN, 2002, p. 166). É na relação com o mundo, com o outro, que se constrói-reconstrói a vida interna do indivíduo, o que inclui as manifestações do sofrimento psíquico.

A escolha pelos quadros sintomáticos aqui refletidos, baseou-se na sua maior popularidade entre aqueles que se debruçam sobre tal temática, seja através de artigos científicos, programas na mídia, e mesmo a discussão que esse tema tem tomado no dito senso comum. Outras possibilidades se encaixariam dentro do contexto que se quer apresentar, como por exemplo o Stress, entretanto achamos suficiente, por hora, as aqui apresentadas.

Assim, dos padecimentos psíquicos na pós-modernidade intimamente relacionados com as mudanças ocorridas no mundo de um século para cá, temos:

2.5.1. Transtornos alimentares

Como quadros mais conhecidos da "nosologia" de transtornos alimentares estão a anorexia, a bulimia e a obesidade. Outro quadro sintomático freqüente nas discussões é a vigorexia, que é a busca de se obter um corpo forte, musculoso, a qualquer custo. Esse panorama sintomático leva de um extremo a outro: do consumo contínuo de alimentos (obesidade) e suas variações (bulimia) até a suspensão total de qualquer tipo de alimentação (anorexia) e a obsessão por exercícios físicos, anabolizantes e complementos alimentares de toda ordem (vigorexia), o que pode levar à morte.

As questões do sobrepeso e da obesidade vêm sendo alvo de discussões de toda ordem, desde a problemática relativa à saúde até a questão da estética. Em um mundo em que a fome toma proporções epidêmicas, o crescimento acentuado da obesidade ocupa a cena contemporânea a ponto de obnubilar a questão da falta de alimentos para alguns:

enquanto o capitalismo dos excessos e da opulência, do marketing hedonista e da gula consumista sobrepõe-se à velha economia da escassez, o costumeiro fantasma da fome – um eterno companheiro indesejável da humanidade – é desbancado por um recém-chegado: o temível fantasma da gordura (SIBILIA, 2004, p.68).

Temos um mundo esfomeado que, paradoxalmente, incita a voracidade, fazendo aumentar o número de obesos mesmo em países mais pobres. Por outro lado, o mesmo mercado que oferece uma panacéia de alimentos industrializados e complexos vitamínicos é o que determina que o corpo esbelto seja o padrão, criando uma aversão ao corpo com excesso de gordura, associando-o ao desmazelo, à falta de vontade e ao fracasso na “gestão” de si. Instaura-se uma lipofobia, “*um horror cada vez mais visceral aos tecidos adiposos, que ‘naturalmente’ conformam o corpo humano*” (SIBILIA, 2004, p.68).

Do outro lado da moeda, estão variados procedimentos oferecidos na busca da aparência imposta pelo padrão cultural contemporâneo, fortes mecanismos produtores de subjetividade, em que o corpo indica a capacidade do indivíduo de gerir a própria vida, sendo um reflexo desse sujeito em todas as dimensões (trabalho, vida social, lazer, etc.).

(...) as obsessões com dietas, e a tirania de manter a forma, a infatigável injunção em relação ao look, a medicalização das mínimas atividades, a obrigação de uma performance esportiva, ou de conformidade profissional, a cruel prevalência da juventude contra toda a idéia de maturidade e experiência: tudo isso leva a uma crueldade física para consigo mesmo cujo eco as revistas difundem levemente (...). Não se equivaleriam amplamente, em intensidade de esforço e dor, às restrições exercidas antigamente sobre os desejos sexuais? (GUILLEBAUD, 1999, p.419-420).

Conseqüências desastrosas advêm dessa realidade, que pode levar tanto a técnicas não-reconhecidas praticadas por pessoas não especializadas até um quadro psicopatológico de anorexia, bulimia e vigorexia, dentre outros.

As características essenciais da anorexia nervosa são a recusa do paciente a manter um peso corporal na faixa normal mínima, associada a um temor intenso de ganhar peso. Os portadores da doença também desenvolvem obsessão pela forma física e distorcem a auto-imagem (dismórficos) a tal ponto que se sentem gordos

mesmo estando extremamente magros. Trata-se de uma perturbação na percepção do esquema corporal, da forma e do tamanho do corpo.

Na gênese desse transtorno há uma interpenetração de causas, permeadas por elementos biológicos, psicológicos e sociais que vão predispor ou mesmo desencadeá-lo diretamente. Os fatores sociais ligados à anorexia, assim como aos demais transtornos alimentares, são muitos e complexos. As pressões difundidas por um sistema midiático que divulga um padrão de beleza que privilegia as formas delgadas e finas são agenciamentos de produção de subjetividade, que têm no corpo magro a forma estética "perfeita". A publicidade, a moda e o marketing incitam o emagrecimento a qualquer custo, tendo papel importante no surgimento e desenvolvimento da anorexia e da bulimia.

Para alguns pesquisadores, os transtornos alimentares estariam intimamente ligados à cultura: seus sinais e sintomas restringem-se a determinadas configurações culturais. De acordo com essa concepção, a pressão cultural é elemento fundamental na etiologia desses transtornos, e esse seria um ponto importante no aumento do número de casos de transtornos alimentares na sociedade pós-moderna (MORGAN; VECCHIATTI e NEGRÃO, 2002).

É preciso cuidado, no entanto, para não se postular esses quadros patológicos como apanágio exclusivo da pós-modernidade. Há relatos anteriores ao advento da modernidade sobre mulheres que se auto-impunham jejuns como forma de aproximação de Deus, muitas delas consideradas santas e, hoje, conhecidas como "santas anoréxicas":

Uma das mais conhecidas viveu no século XIII, é o caso de Catarina Benincasa, mais tarde Santa Catarina de Siena, que, aos 16 anos, recusou o plano de casamento imposto por seus pais, jurando manter-se virgem e entrando para o convento. Alimentava-se de pão e alguns vegetais, auto-flagelava-se, e eventualmente provocava vômitos com ingestão de plantas (CORDÁS, 2005).

O desejo de reconhecimento diante de Deus era, portanto, a mola propulsora do transtorno alimentar apresentado por essas pessoas, em uma sociedade configurada em torno da religião. Se nessa época os processos de subjetivação implicados nos fenômenos alimentares tinham como pano de fundo o sagrado, atualmente, na moral das sensações, a imposição de felicidade ligada ao corpo magro torna-se o imperativo que marca número cada vez maior desses casos.

Os indivíduos portadores da vigorexia, por sua vez, seguem rituais como se olhar no espelho reiteradas vezes, vendo-se sempre de forma distorcida, menor e mais fraco do que na realidade.

Surge um quadro compulsivo que faz com que o vigorético exerça excessivamente atividades físicas. A sintomatologia apresenta-se principalmente em homens, tornando a vigorexia uma vertente masculina da anorexia. Também aí a alimentação é questão freqüente, apresentando esses sujeitos, comumente, problemas metabólicos. O sentimento de fracasso sempre presente no vigorético faz com que ele procure anabolizantes e hormônios para ganhar músculos e obter o “corpo perfeito”, causando problemas orgânicos graves e lesões decorrentes da prática esportiva excessiva.

Uma sociedade competitiva, consumista e performática serve de esteio para o culto ao corpo. Muitos indivíduos usam a busca por um corpo forte e adequado ao padrão social como armadura para suas angústias.

Há, nos vigoréticos, uma inclinação patológica para o que se considera o protótipo do homem moderno, supostamente (e erroneamente, segundo pesquisa de Pope) desejável pelas mulheres. Há uma busca obsessiva em se tornar o modelo de homem, com um corpo fibroso, definido, musculoso e devidamente glorificado pela televisão, pelo cinema, pelas revistas e passarelas de moda. A vigorexia representa bem a sociedade onde "uma imagem vale mais que mil palavras", tornando os homens obcecados por seus corpos perfeitos (BALLONE, 2004).

É assim que, na pós-modernidade, o corpo é trazido à baila como produtor e reduto de subjetividades, através de práticas bio-ascéticas, que vão desde uma variedade de dietas e exercícios físicos até intervenções médicas. Àqueles que não se encaixam no padrão de beleza ideal, passa-se a sensação de inferioridade. Através da técnica calcada no biopoder e seus objetivos, “*os imperativos da prevenção e do fitness se tornam compulsórios, generalizando a compulsão pela saúde, pela juventude e pela beleza*” (SIBILIA, 2004, p. 70-71).

2.5.2. Síndrome do Pânico

A chamada Síndrome do Pânico caracteriza-se por medo súbito e sem motivo aparente, com alterações fisiológicas (como taquicardia, dores no peito, sensação de sufocamento e desmaio, sudorese) e sensação de morte iminente. Daí a origem do nome reportar-se a Pã, deus grego com chifres e pés de bode que quando aparecia repentinamente, assustava pastores e camponeses. Foi desta forma que surgiu a denominação Pânico, o terror repentino.

De acordo com alguns autores, o sistema de alerta do organismo - conjunto de mecanismos físicos e mentais que permite reações a uma ameaça - é desencadeado desnecessariamente na crise de pânico, sem perigo iminente ou real. Os especialistas não sabem exatamente porque isso acontece ou porque algumas pessoas são mais suscetíveis ao problema do que outras. Tais crises são constituídas de manifestações físicas e psíquicas muito semelhantes. O conjunto desses caracteres típicos, uma vez congregado, constitui a sintomatologia da Síndrome do Pânico.

Nos últimos tempos, vem aumentando o número de pessoas afetadas por esse quadro. A pós-modernidade é cenário adequado para o desencadeamento do mesmo. Até a modernidade, a sociedade trazia relações interpessoais que ofereciam

certa segurança: pais que viviam próximos, parentes, vizinhos conhecidos da família, etc. Com a pós-modernidade, desponta uma sociedade cada vez mais individualista, competitiva e violenta, em que o sujeito depende exclusivamente de sua performance, dispensando o contato com o outro. Nesse contexto, chama atenção a explosão do fenômeno da Síndrome do Pânico, relacionado à vivência de desamparo e à falta de garantias. O medo não é mais o de não conseguir configurar-se segundo certo mapa, pois múltiplos são os mapas possíveis. Não se vislumbra mais uma crença dos indivíduos e da sociedade na proteção do soberano:

Em consequência as massas se dispersam e rompem os laços sociais que as mantinham ligadas entre si. A certeza de fazer parte de algo que transcende as individualidades se quebra e, com isso, a sensação de pertencimento se esvai. O pânico, sentimento de ruptura desses laços e certezas, se institui e se alastra (BIRMAN, 2003a, p. 73).

Temos com isso uma tessitura social que faz com que o Transtorno do Pânico venha sendo mais freqüente nas últimas décadas. Parece, entretanto, impossível afirmar que o quadro não estivesse presente em outras épocas. A favor desse argumento estão relatos de pessoas que conviveram com a sintomatologia da Síndrome do Pânico sem serem encaixadas na nosologia diagnóstica vigente até então, só obtendo alento quando da nomeação da Síndrome, no início da década de 1980.

Aspectos ansiogênicos são inerentes à natureza humana, e o medo é uma de suas franjas. Não há condições técnicas para comparar a resposta dos homens das cavernas frente ao perigo de ataque de um animal feroz ou do cidadão da Idade Média diante de leis de inquisição e epidemias à dos indivíduos da sociedade contemporânea diante de seu cotidiano caleidoscópico de pressões no trabalho, no trânsito, na vida afetiva.

Contudo, fica evidente uma maior intensidade, hoje, dos fatores que propiciam o desencadeamento de um quadro de pânico. Tememos a competitividade, a violência social, o desemprego, as perspectivas futuras e mais uma infinidade de ameaças abstratas e reais, que passam a ter o mesmo significado de perigo que as questões de pura sobrevivência que tomavam nossos ancestrais, predispondo o indivíduo pós-moderno a estar constantemente em alerta. Se antes o objeto a ser combatido era real, localizável no tempo e no espaço, hoje esse objeto é fluido, heterogêneo, dinâmico e plural (BALLONE, 2005). Somos constantemente atravessados por intensidades, de tal maneira que não conseguimos simbolizar sobre o que incide sobre nós. Desta feita, esse 'excesso' *"incide sobre o corpo como forma de descarga"* (BIRMAN, S/D), constituindo terreno fértil no alastramento de quadros de grande ansiedade e pânico.

2.5.3. Adições

O termo adicção é usado aqui no sentido de uma relação compulsiva em atividades específicas, como o jogo, o consumo, o uso excessivo de substâncias. A adicção, especialmente o fenômeno toxicomaniaco, tem sido vinculada aos flagelos da sociedade contemporânea que, apesar do avanço das conquistas tecnológicas, não conseguiu preencher as lacunas nas aspirações humanas.

A toxicomania remonta milênios e, em cada momento da história e em cada cultura, assume uma posição específica. Na sociedade contemporânea, marcada pelo cotidiano acelerado, arquitetado em torno da lógica da felicidade irrigada pelo consumo e pelo prazer rápido e fácil, o uso de drogas pode ser apreendido como consumo de objetos, como busca da felicidade e do bem-estar que obnubila a presença do Outro: *"(...) sua prática evidencia o lado autístico do sintoma, no sentido de que ela é um modo de gozar pelo qual se tenta prescindir do Outro"* (SANTIAGO,

2001, p. 14). Esse quadro converge, portanto, com o estilo de vida narcisista e hedonista da pós-modernidade.

Sem entrar na discussão sobre os avanços da alopatia, a indústria medicamentosa tem servido como agenciamento produtor de subjetividade. A cultura da medicalização, principalmente no que diz respeito às "dores da alma", reflete uma sociedade afeita à rapidez e marcada pela lógica capitalista:

(...) existe um processo de produção social das toxicomanias, pelas vias da medicalização psiquiátrica e do mercado de drogas pesadas, que encontram suas condições de possibilidade na ética da sociedade do espetáculo e do narcisismo (BIRMAN, 1999, p. 192).

O crescimento vertiginoso da indústria farmacêutica tem efeito nas formas de vida e de lidar com o mal-estar. Ansiolíticos e antidepressivos tornaram-se as drogas mais prescritas na contemporaneidade, por todas as especialidades médicas. Carregam o emblema de "poção mágica" para um variado cardápio de problemas. Não importam os motivos do sofrimento do sujeito: a solução sempre deve ser atingida de forma rápida, através da utilização de substâncias químicas lícitas ou ilícitas. Elas são as, duas faces de uma mesma moeda, isto é, práticas que encobrem a dor de existir, proporcionando um clima onde o sofrimento perde espaço na sociedade pós-moderna. A eficácia e a vida espetáculo dão o tom da normalização, tirando o lugar da angústia e das variações de humor. Sobrepõe-se, então, uma massificação da "normalidade" paradoxalmente frente a um ambiente competitivo e estressante onde o "consumo social" ou não de álcool, o "uso recreativo" ou pesado de drogas ilícitas, os jogos de azar, a literatura de auto-ajuda, a automedicação, o consumo desenfreado, são muitas vezes, assumidos como uma sistemática onde muitos se aliviam.

2.5.4. Depressão

A complexidade trazida pela discussão da depressão advém da generalização do conceito e de seu quadro sintomático estar presente também em outras psicopatologias. Nosso objetivo aqui é apenas traçar superficialmente os aspectos da depressão no contexto da pós-modernidade.

Caracterizada por tristeza intensa, abatimento profundo e desinteresse pelas coisas, a depressão faz com que a tarefa de viver torne-se difícil, pesada, cheia de idéias fixas e pessimistas. O que outrora foi denominado melancolia apresentava um luto a ser elaborado, ou seja, um evento onde o que estava presente era uma realidade de perdas (de entes queridos, doenças, etc.).

O que chama atenção atualmente é a extensão, confirmada pelas estatísticas, de diagnósticos de depressão, cujo aspecto *“não tem um núcleo voltado para uma perda ou para um tema definido, caracterizando-se mais por um empobrecimento que atinge todas as áreas da vida”* (SCHWARTZMAN, 2004, p. 135-136). Tal realidade, no entanto, vai contra os interesses da indústria do Prozac, que são lenha na fogueira da produção de subjetividade contemporânea.

Salem (2004) afirma que situações de indiferença, monotonia e apatia muitas vezes surgem como resposta de indivíduos cada vez mais auto-centrados e desligados do que é novo – já que as novidades se multiplicam de forma avassaladora, assim como as informações. O tédio explica a absoluta ausência de manifestações políticas, a falta de interesse pelo outro, a indisposição para as possibilidades que o mundo oferece. Nessa relação com o mundo, o indivíduo não consegue se “nutrir emocionalmente”, o que leva a uma falta de sentido e vazio da existência. A amplitude da depressão na sociedade pós-moderna evidencia como o discurso do saber se configura diante das subjetividades emergentes.

Forma atenuada da antiga melancolia, a depressão domina a subjetividade contemporânea, tal como a histeria do fim do século XIX imperava em Viena através de Anna O., a famosa paciente de Joseph Breuer, ou em Paris com Augustine, a célebre louca de Charcot na Salpêtrière. Às vésperas do terceiro milênio, a depressão tornou-se a epidemia psíquica das sociedades democráticas, ao mesmo tempo em que se multiplicam os tratamentos para oferecer a cada consumidor uma solução honrosa (ROUDINESCO, 2000, p.17).

Essa sociedade democrática é a sociedade de controle, que passa a percepção que o indivíduo se emancipou da sociedade disciplinar onde os sujeitos tinham regras claras que valorizavam modelos coletivos de conduta e, conseqüentemente, de assujeitamento. Na sociedade do controle pós-moderna, cabe ao indivíduo responsabilizar-se pelo sucesso ou malogro de sua vida. À pessoa é dada as rédeas de sua existência; o lugar onde se pode chegar depende exclusivamente do condutor. Ehrenberg (2000) aponta que, se não conseguimos conduzir nossa charrete no caminho almejado e reconhecido (material, profissional, social, etc.), o sentimento de insuficiência torna-se implacável, trazendo apatia, desânimo e fadiga, esgotando o sujeito e tornando-o incapaz de agir. A depressão, assim, configura-se como a patologia da insuficiência individual frente às exigências pós-modernas.

É esse retrato das formas de subjetivação contemporâneas que surge no discurso relativo aos "novos sintomas". Esse "novo" faz contraponto com o tipo de subjetividade da época do surgimento da Psicanálise, caracterizada pelo conflito entre conteúdo recalçado e contenção moral, fazendo surgir as mais variadas formas de produções sintomáticas, objeto da Psicanálise. A neurose torna-se a patologia emblemática dessa época, indo de encontro ao modo de produção calcado na lógica que privilegia a contenção, a poupança e a repressão do consumo.

A compreensão da subjetividade como produção e processo floresce em meio a um deslocamento desse capitalismo de acumulação para um capitalismo, agora, marcado pela lógica do consumo. Não mais a contenção, mas o fluir dos desejos.

Não mais o retorno do recalcado, mas a dificuldade de compreensão e elaboração de subjetividades que atravessam o mundo contemporâneo. A atual sociedade de consumo incita o aumento artificial das necessidades individuais, em um processo de produção de subjetividades que estimula o consumo, além do ritmo frenético de produção e prestação de serviços:

A insatisfação das pessoas é cultivada pelo mercado. Essas condições têm de ser mantidas, ou o mercado não sobreviveria. Trabalhamos mais horas e produzimos mais. Esses produtos têm de ser vendidos. Estamos presos na armadilha do consumo compulsivo que não traz satisfação (CARLEY, 2003).

Em uma cultura competitiva por excelência, em que cabe às pessoas tornarem-se capazes de consumir infinitamente, o sofrimento pode ser visto pelo cansaço, pela ameaça do fracasso e pelo vazio decorrente da falta de sentido e do engodo de uma vida marcada pela expectativa de reconhecimento através do consumo:

Porquanto uma constatação se impõe: pressionados pelo estresse, impacientes por ganhar e gastar, por desfrutar e morrer, os homens e mulheres de hoje economizam essa representação de sua experiência a que chamamos vida psíquica. O ato e seu avesso, o abandono, substituem a interpretação do sentido (KRISTEVA, 2002. p. 14).

Foi em um cenário bem diferente do contemporâneo que Freud buscou na histeria elementos para elaborar a teoria psicanalítica. Grandes transformações ocorridas no século XX, impulsionadas pelo desenvolvimento acelerado da indústria, da comunicação e da tecnologia revolucionaram os costumes da sociedade, abalando os alicerces institucionais e provocando novas formas de subjetivação e "novos" sofrimentos psíquicos, sendo a depressão o mais emblemático.

3. METODOLOGIA

3.1. A abordagem teórico-metodológica

O tipo de abordagem utilizada para a realização deste estudo foi a pesquisa qualitativa. Buscou-se uma compreensão do fenômeno levando em consideração o contexto no qual o mesmo está situado. Tal proposta encontra suas origens heterogêneas na tradição intelectual alemã da hermenêutica, na tradição em torno do conceito de compreensão (*verstehen*) em sociologia e na fenomenologia social de Alfred Schutz (1979), contrariando, dessa forma, os pressupostos do positivismo clássico (SCHWANDT, 1994).

Sendo assim, *“na pesquisa psicológica e educacional, a idéia de fenômeno assume o sentido de entidade que se mostra em um local situado”* (BICUDO; MARTINS, 1994, p.76). Nessa proposta, o alcance não é generalizável, já que a análise qualitativa privilegia o individual: *“a generalização é abandonada e o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados”* (BICUDO; MARTINS, 1994, p.23).

Assim, a preocupação maior, aqui, será com a descrição, compreensão e interpretação dos fenômenos observados dentro de seu contexto específico. Isso não quer dizer, no entanto, que o fenômeno em questão não expresse a realidade, pois *“reivindicar a generalização somente a partir de grandes números despreza o*

fato mais profundo de que existem elementos do todo até mesmo na mais singular das experiências” (JOVCHELOVITCH, 2000, p.113).

Na sociologia compreensiva, Dilthey e Weber defendem “(...) *a compreensão e a inteligibilidade como propriedades específicas dos fenômenos sociais, mostrando que o significado e a intencionalidade os separam dos fenômenos naturais*” (MINAYO, 1998, p. 50). Prioriza-se a compreensão da realidade humana vivida socialmente, mais do que a quantificação ou a explicação da causalidade dos fenômenos, típica da perspectiva positivista: “(...) *as realidades sociais são construídas nos significados e através deles e só podem ser identificadas na linguagem significativa da interação social. Por isso a linguagem, as práticas, as coisas, os acontecimentos são inseparáveis*” (WEBER citado por MINAYO, 1998, p.51).

Volta-se a atenção para a captura do ponto de vista dos atores sociais, privilegiando os aspectos conscienciais, a relação entre sujeito e pesquisador, a interpretação e os significados atribuídos pelos atores em um determinado contexto. (TRIVINOS, 1992; VALLES, 1997). São, pois, pontos de vista específicos: “(...) *cada estudo traz uma versão possível para os fenômenos investigados*” (SILVA, 1988, p.166). Em outras palavras, na abordagem em questão a natureza da realidade é múltipla e, portanto, é relativizada. Além disso, epistemologicamente, o conhecimento é tomado como suposição subjetiva, criado na interação entre investigador e investigado.

Nessa abordagem, o processo é mais importante do que os resultados. Não se buscam verdades únicas, explicações causais ou generalizações. Os fenômenos são únicos no modo como são apreendidos e interpretados: “(...) *não na busca de estruturas universais de conhecimento ou da ação moral, mas por meio do estudo da*

conexão entre formações discursivas e acontecimentos históricos” (FERREIRA NETO, 2004, p.63).

3.2. Participantes

Considerando que o critério de amostragem para análise qualitativa dos dados não é numérico, já que o que se busca não é a amplitude, mas a compreensão da forma como os participantes pensam determinado fenômeno, este estudo teve como sujeitos da amostra cinco psicólogos com prática profissional ligada à clínica, um deles atuando em centro comunitário. Ouvia-se também um psicanalista médico, que abandonou a Psiquiatria para atuar com a Psicanálise. Todos os entrevistados têm tempo de atuação na área variando entre 15 e 30 anos.

Dos cinco profissionais psicólogos, três se dizem psicanalistas, com história de formação na área; dois dizem já terem sido “mais psicanalistas” anteriormente e, atualmente, embora não tenham abandonado o modelo teórico da Psicanálise, não se enxergam em muitas das posições adotadas pelos que se dizem psicanalistas. É importante, então, que não se perca de vista as características *suis generis* da amostra, pois são elas o fundamento das respostas obtidas e, conseqüentemente, de suas análises.

A escolha por psicanalistas deve-se à leitura da Psicanálise freudiana de mais de um século atrás, ancorando o sintoma em um modelo vitalista. No decorrer do século XX, não foram poucas as tentativas de tomar como universais e imutáveis as ponderações psicanalíticas, atitude que assumia e, em alguns casos, ainda assume contornos fundamentalistas, perdendo de vista a condição “viva” de todo conhecimento, principalmente nas ciências humanas, em contínuo movimento e

transformação. É buscando esse aspecto que muitos psicanalistas, atualmente, vêm ampliando seu leque de utilização do modelo psicanalítico: já não podem ficar imunes ao impacto cultural a permear a queixa dos seus clientes. A maneira como apreendem os pacientes na sociedade pós-moderna e a forma como articulam sua prática nos processos de subjetivação contemporâneos e mudanças institucionais é o que se procurou compreender a partir das entrevistas.

A escolha de clínicos que trabalham com a Psicanálise possibilita a interanálise das expressões do sofrimento psíquico, tendo em mente o espírito do tempo e do lugar em que se deu a gênese dessa teoria e os dias atuais, que articula diferentes e, de certa forma, novas intensidades e subjetividades, proporcionando discursos mais amplos, mesmo que psicanalíticos, no entendimento do sofrer do ser humano.

3.3. Procedimentos éticos para inclusão dos sujeitos nos estudos

Alguns dos psicólogos selecionados para fazer parte das entrevistas já eram conhecidos do pesquisador, outros foram indicados pelo orientador da pesquisa, professor Dr. William Cesar Castilho Pereira. Esses sujeitos foram convidados a participar da pesquisa depois de serem esclarecidos os objetivos e métodos da mesma através do *rapport*, segundo as “Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos”, resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde (BRASIL, 1996). Esclarecia-se nesse primeiro contato que as

entrevistas seriam gravadas, sendo resguardado o anonimato e evitando-se, assim, qualquer sanção para os participantes, que poderiam a qualquer momento recusar-se a responder alguma pergunta ou a dar prosseguimento à entrevista.

3.4. Os instrumentos de coleta de dados

A entrevista com roteiro semi-estruturado constitui-se o principal instrumento de coletas de dados, permitindo a apreensão do fenômeno em suas diversas nuances e a abordagem do tema sem delimitá-lo. Dessa maneira, não se apresenta como simples roteiro de perguntas a serem respondidas, nem como condução do entrevistado a partir do tema da pesquisa. Trata-se de propor questões preliminares a nortear o tema, sem, contudo, retirar sua flexibilidade,

(...) sob a forma de um roteiro preliminar de perguntas, que se molda à situação concreta de entrevista, já que o entrevistador tem liberdade de acrescentar novas perguntas a esse roteiro, com o objetivo de aprofundar e clarificar pontos que ele considere relevantes aos objetivos do estudo (MOURA , FERREIRA; PAINE, 1998, p. 78).

Nesse sentido, nas entrevistas com roteiro semi-estruturado tem-se melhor condição de comparar dados entre sujeitos do que nas entrevistas abertas. A entrevista, por sua vez, permite a obtenção de respostas de maior profundidade e espontaneidade, além de favorecer o tratamento de temas complexos.

(...) a entrevista fornece dados secundários e primários, referentes a fatos, idéias, crenças, maneira de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; conduta ou comportamento presente ou futuro; razões conscientes e inconscientes de determinadas crenças, sentimentos, maneira de atuar ou comportamentos (JAHODA citado por MINAYO,1988, p.118).

A entrevista semi-dirigida permitiu reflexões em torno da clínica atual e do início das práticas dos entrevistados. Tendo em vista que todos eles possuem mais

de quinze anos de experiência profissional, foi possível comparar como percebiam as demandas de seus clientes no início de suas carreiras e como as percebem atualmente; como entendem a influência, nas relações de expressão do sofrimento psíquico, das mudanças institucionais no campo do poder, na ciência, nas configurações sociais e econômicas, nas transformações dos valores, nas relações de parentesco. Abaixo estão as questões centrais abordadas junto aos participantes da pesquisa, ressaltando que outras questões podiam surgir livremente, tendo em vista a flexibilidade da entrevista semi-dirigida:

- 1) Fazendo uma análise de seus clientes, quais são as suas percepções das demandas (explícitas e implícitas) que os levaram a procurar seus serviços?
- 2) Você percebe diferenças da demanda dos dias atuais em relação ao início de sua carreira?
- 3) Você acredita que as transformações institucionais que o mundo vem sofrendo nos últimos tempos (mudanças na ciência, nas relações de poder, nas relações de parentesco, na cultura, etc.) têm influenciado o sofrimento psíquico? De que maneira?
- 4) De que forma o sofrimento psíquico nos dias atuais é visto em seu aporte teórico?

3.5. Procedimentos para coleta de dados

Inicialmente, foram feitas entrevistas com os psicólogos participantes da pesquisa. As mesmas serviram como entrevistas-piloto, possibilitando o vislumbre do fenômeno a ser pesquisado e indicando, assim, o caminho da construção das questões a serem abordadas. Faz jus aqui a idéia de que o caminho se faz ao

caminhar, uma vez que é mergulhando no campo da pesquisa que é possível ir delineando o caminho do conhecimento que queremos percorrer.

As entrevistas foram realizadas individualmente, utilizando-se gravador e fitas de audiocassete, em tempo de aproximadamente uma hora cada, quase sempre sendo realizadas no local do trabalho dos entrevistados. Posteriormente, essas entrevistas foram transcritas de forma literal, de acordo com a proposta de Pretti (1993): preservando-se as características originais da fala, como gírias, hesitações, erros gramaticais, risos, pausas ou outros acontecimentos, para análise posterior dos dados.

3.6. Procedimentos para a análise dos dados

Na abordagem qualitativa, a análise dos dados pode ocorrer à medida que os mesmos vão sendo recolhidos, de forma que dúvidas ou fatos novos, quando existem, possam ser respectivamente retiradas ou utilizados como elementos esclarecedores da própria questão a que se pretende responder.

A análise de conteúdo foi o método de que lançamos mão para a observação do material colhido, sendo uma técnica de tratamento de informações que, de acordo com Valla (1999), é hoje uma das mais comuns na investigação empírica em ciências humanas e sociais. Segundo Bardin (2000), a análise de conteúdo tem como base

(...) uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação a análise de conteúdo oscila entre dois pólos: do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. É tarefa paciente de “desocultação”, (...) analisar mensagens por esta dupla leitura onde uma segunda leitura se substitui à leitura “normal” do leigo, é ser agente duplo, detetive, espião (...) (BARDIN, 2000, p. 09).

A análise de conteúdo pressupõe uma (des)construção, necessária para a realização da análise propriamente dita que através da inferência, ou seja, da dedução lógica por parte do investigador assume a uma nova construção. Nesta perspectiva, a análise de conteúdo permite fazer inferências, deduções sobre a fonte, a situação em que os dados foram produzidos, o material que se constitui objeto de análise. Baseia-se, para isso, em uma lógica explicitada e de acordo com o objeto a ser analisado. Os critérios para esta análise são referidos por Engers (1987), que direciona o trabalho no sentido de uma análise vertical, outra análise horizontal e uma síntese. Tal processo abarca o que é comum a todos e o que é diferente.

A análise vertical consiste em trabalhar cada instrumento (uma entrevista, por exemplo) como se fosse único, preocupando-se com a impregnação do relato e tirando dele conteúdos que se destacam, de acordo com as questões que cartografaram a pesquisa. Após o término da análise vertical, passa-se a observar o conteúdo ressaltado em todas as entrevistas e item levantado, estabelecendo entre eles conteúdos comuns. A esta atividade chama-se análise horizontal.

Concluídas as duas análises, realiza-se a síntese, que consiste na categorização dos conteúdos encontrados na análise horizontal.

A interpretação final dos dados é realizada a partir das categorias estabelecidas na análise de conteúdo e do levantamento bibliográfico sobre o assunto pesquisado, fazendo com que a observação do material não perca de vista os pressupostos teóricos assumidos.

Não se partiu de uma teoria única, específica, para se realizar os recortes feitos, mas de suposições e pressupostos vindos da visão de mundo do pesquisador, assim como de teorias múltiplas, buscando expandir a compreensão

das transformações institucionais contemporâneas e seus impactos nos padecimentos psíquicos na atualidade: "(...) *o tratamento do material nos conduz à teorização sobre os dados, produzindo o confronto entre a abordagem teórica anterior e o que a investigação de campo aporta de singular como contribuição*" (MINAYO, 1994, p. 26). A análise final procurou estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos presentes na pesquisa, buscando promover "*relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e a prática*" (MINAYO, 1994, p. 79).

A partir das entrevistas e de suas análises, interpretações podem eclodir espontaneamente. O levantamento inicial das expressões do sofrimento psíquico na pós-modernidade foi feito a partir de uma visão mais objetiva das mudanças sociais, abordando o sintoma contemporâneo como maneira de o homem se acomodar ao quadro cultural que desponta desde meados do século passado. O decorrer da pesquisa e das análises das entrevistas levou a uma articulação mais clínica, sem perder, contudo, a implicação teórica das mutações institucionais ocorridas na civilização.

4. O SOFRIMENTO PSÍQUICO NA PÓS-MODERNIDADE: análise feita a partir de depoimentos de psicólogos clínicos.

O debate em torno da clínica nos dias atuais tem levado à reflexão sobre a existência ou não de novas patologias. É cada vez mais abundante a literatura especializada que defende o surgimento de novos quadros psicopatológicos na clínica contemporânea. Articula-se um debate entre duas hipóteses: os novos tempos dariam origem a novos modos de sofrer, ou o olhar psicanalítico, tornando-se menos ortodoxo, teria feito mais evidentes padecimentos que antes passavam despercebidos nessa teoria. As duas idéias parecem ser verdadeiras: tanto a Psicanálise tornou-se capaz de ampliar o entendimento da dor psíquica como as condições da vida transformaram-se de modo a originar novas questões.

Quando os papéis desenvolvidos pelos indivíduos durante a vida eram mais estratificados, suas angústias decorriam da insatisfação frente à condição estabelecida *a priori* pelas normas disciplinares vigentes. Diante de valores morais rígidos, restava ao sujeito adaptar-se à situação imposta, calando-se perante o que era o seu "destino". Esse esforço, no entanto, não se dava sem conseqüências, fazendo surgir quadros sintomatológicos de sofrimento psíquico. A sociedade repressiva disciplinar era fator que estimulava a frenagem das pulsões contrárias aos "bons costumes" vigentes. A culpa e a vergonha geravam uma tensão que trabalhava nos recônditos do que Freud denominou inconsciente. As neuroses seriam uma forma de dar vazão a esse conflito interno. A Psicanálise proporcionava ao indivíduo um lugar de deciframento do sintoma e de sua função frente às vicissitudes da sua vida cotidiana.

Com a pós-modernidade e a transformação de valores e instituições, o indivíduo viu-se diante de uma realidade social muito menos pré-estabelecida do que a da época de Freud. O homem pós-moderno não tem mais garantida a construção de uma família decorrente de arranjos entre núcleos familiares, nem um lugar profissional decorrente de castas. Isso não quer dizer que ele seja inteiramente emancipado das forças sociais: as modulações tomaram formas mais sutis através de novos mecanismos de controle. Cabe agora ao indivíduo responder por seus êxitos e fracassos, sendo extremamente valorizada sua performance na vida profissional e sua expressão no campo material.

Alguns, a exemplo de Ehenberg (2000) na obra “La fatigue d’être soi: dépression et société”, estão convencidos de que estamos de fato diante de novas patologias, compreendidas no contexto das transformações institucionais, sócio-econômicas, da revolução tecnológica, das mudanças de sistemas simbólicos, crenças e, inclusive, das relações humanas. Essa forma de rearranjo social em que o indivíduo finalmente alcança a liberdade tão almejada frente ao Soberano disciplinador cobra como contrapartida uma exigência desmedida. A liberdade de pensamento, escolha e opinião não acontece sem pesado tributo: cada qual passa a ser responsável por si, assumindo a tarefa de construir-se e encontrar sentido para a própria existência. O homem sente que a condução de sua vida depende dele próprio, sem os ancoradouros institucionais e a força da tradição e dos costumes que, embora possam parecer ilusórios, proporcionavam certa tranquilidade. As funções de cada indivíduo tinham contornos delineados de acordo com o espaço social, constituído pelo tecido da moral burguesa disciplinar da época, que apostava no interdito, definindo o que se podia e o que não se podia fazer ou dizer: *“a sociedade era mais estratificada, os papéis eram mais definidos, se você me*

perguntar se era mais sofrido, menos sofrido, se era melhor ou pior, eu não sei (...)” (J. Psicóloga)⁸. Havia um Outro a que se podia perceber claramente, o significante da Lei e o simbólico tinham seus contornos na figura do poder do Pai, que proporcionava aos seus “filhos” ocuparem aqueles lugares previamente reservados.

A queda dos papéis pré-estabelecidos, queimados na fogueira das transformações contemporâneas, fez despontar uma sociedade que poupa o sistema e culpa o indivíduo por não ter a competência necessária para atingir aquilo que propõe a si mesmo, tornando-o único responsável por seus sofrimentos e fracassos. Não há ninguém para dizer o que se deve ser e como deve se conduzir. Já no final do século XIX, Nietzsche (1997) anuncia a vitória do indivíduo-soberano: o homem passa a assumir o poder na totalidade e tem que arcar com as conseqüências morais e éticas de um mundo sem guia, julgando o mesmo por si e de si mesmo. É a própria morte de Deus. Ora, se a função paterna, a autoridade, perdeu sua força dentro das instituições, perde-se a marca intensa da censura que causava culpa e mantinha a ordem social. Só resta ao indivíduo a responsabilização por suas escolhas.

Essa mudança na maneira de ser e estar no mundo foi, para Ehenberger (2000), a passagem do registro da culpa e da disciplina para o da responsabilidade e da iniciativa como matéria-prima da psicopatologia contemporânea:

A depressão nos instrui sobre a nossa própria experiência atual da pessoa, pois ela é a patologia de uma sociedade na qual a norma não é mais fundada na culpa e na disciplina, mas na responsabilidade e iniciativa. Ontem, as regras sociais comandavam conformismos de pensamento, ou até automatismos de conduta; hoje, elas exigem iniciativa e aptidões mentais. O indivíduo é confrontado com uma patologia da insuficiência, mais do que com uma doença da falta, ao universo do disfuncionamento, mais do que ao da lei (EHENBERGER, 2000, p.16).

⁸ Os depoimentos de psicólogos e psicanalistas deste capítulo foram colhidos nas entrevistas realizadas com participantes da presente pesquisa.

Essa realidade permite pensar, seguindo a trilha da responsabilidade individual como fonte de sofrimento psíquico, que o aumento da depressão pode estar parcialmente ligado ao desenvolvimento de uma forma de viver que toma contornos de onipotência, de auto-suficiência, de individualismo. A busca pela felicidade e pela realização pessoal feita de forma solitária pode ser sinal de liberdade, mas tem seu contraponto: o fracasso. A depressão surgiria nesse pano de fundo de sobrecarga excessiva sobre o indivíduo. As instituições dissolveram-se: Estado, escola, família já não são vistos como responsáveis pelo êxito ou malogro das pessoas. Os efeitos da realidade fazem-se sentir na individualidade e nos impasses subjetivos derivados de uma concepção (muitas vezes ilusória, tendo em vista as imposições da sociedade de controle) de liberdade expressa no ideal de fazer-se por si.

Avanço tecnológico e carência de contatos pessoais

A única possibilidade de segurança do homem atual parece ser a segurança interna, conquistada por esforço de cada um. Esse quadro reflete-se na clínica, na medida em que a falta de tempo para relacionar-se, oriunda das exigências da sociedade capitalista, nos leva a um isolamento, a um sentimento de vazio, marca da sintomatologia da depressão.

Na grande maioria as questões são essas, as pessoas se queixam muito de depressão e entra um outro aspecto que eu já vou até entrar numa outra questão que é a depressão não em função exclusivamente da inter-relação, mas da incapacidade dessa relação em função de diversos fatores, por exemplo: muitas vezes as pessoas chegam falando que não têm amigos e aí a gente entra um pouco nessa questão: “mas por que não tem amigos?”, “porque eu trabalho demais”, “porque eu não consigo ter tempo para meus amigos”, “porque eu tenho que fazer hora extra”, “porque eu tenho que não sei das quantas”, aí a gente se pergunta: será essa depressão em função... essa falta de inter-relação em função do tempo ou em função dos motivos que o levam a não ter tempo, por exemplo: “eu trabalho muito para levar o pão para casa. Cada dia que passa minha situação sócio-econômica está mais difícil, então será que a minha depressão ou a minha inter-relação está prejudicada em função de eu trabalhar muito ou em função de eu trabalhar cada vez mais e não atingir as metas que eu pré-estabeleci?”. Tem esses fatores que se entrelaçam e no final das contas as pessoas julgam que é

uma depressão, “eu estou deprimido, eu não consigo”, mas muitas vezes esses fatores externos que estão impactando na sua relação, na sua auto-estima e na sua capacidade, principalmente, de acreditar que pode superar essa situação. Se nós computarmos tudo isso, termina caindo num pseudo-diagnóstico de depressão, quando na realidade são questões que impedem o sujeito de estar lidando melhor com a situação adversa externa, e não interna (M.Psicanalista).

Nem todos os deprimidos, portanto, o são por motivos biológicos ou hereditários. A depressão seria também uma questão filosófica, ética e estética, um “cansaço de ser si mesmo”, para usar a expressão de Ehrenberg (2000), que acredita que o fenômeno depressivo deve-se muitas vezes a frustrações mal-assimiladas, frustrações como não conseguir comprar um carro, ter sido reprovado em um exame, sentir-se inútil, perder a capacidade de fazer amigos, etc.

Por exemplo, uma questão é uma competição generalizada, a mídia, principalmente, ela coloca, vai incutir nas pessoas a idéia de que quem tem o carro do ano é melhor que o outro. O que acontece? Isso gera uma competição desmedida entre as pessoas e esse relacionamento torna-se complicado, haja vista que todos aqueles que antigamente eram meus amigos se tornam competidores. Por exemplo: se eu tenho um círculo de amigos que são advogados, procurando atingir um determinado status, eu vou ter que trabalhar tanto quanto eles ou mais que eles para chegar àquele status. Automaticamente, a gente termina por transformar o outro no inimigo, porque o outro está atingindo, tomando uma fatia de mercado que é sua, porque a cada dia que passa a competição é mais acelerada. Então as questões de relacionamento vão desde a competição exagerada, que está acontecendo no mercado, cada vez são mais trabalhadores pra menos clientes, por exemplo, cada vez mais trabalhadores para menos emprego, então isso torna potencialmente as pessoas inimigas, isso entre aspas, ou competidores entre si e como muita gente trabalha muito, aquele tempo do happy hour, de visitar o amigo, de tomar cafezinho, ele vai se tornando cada vez mais escasso e vai sobrando o quê? Se você elimina o tempo da amabilidade, o tempo da amizade, o tempo do bate-papo, automaticamente vai sobrando somente o tempo da competição. Então termina que as pessoas se tornam competidores, muitas vezes sem querer. Então quando eu falo de relacionamento, isso muitas vezes acontece até dentro de casa, entre marido e mulher, pra ver quem é melhor profissional, pra ver quem ganha mais, quando a situação sócio-econômica termina ficando prejudicada, entra aí a questão não do somar, mas do competir pra ver quem ganha mais, quem pode mais, pra ver quem é o cabeça e isso infelizmente é uma relação que vai se deteriorando com o passar do tempo e com essa exacerbação do poder econômico. As pessoas estão sendo minadas na sua capacidade, na sua auto-estima (...) (M. Psicanalista).

Esse viés tem efeitos diretos nos relacionamentos afetivos, empurrando os indivíduos cada vez mais para um estilo de vida narcisista. Uma das conseqüências desse fenômeno, juntamente com as possibilidades que o avanço tecnológico

proporciona, é a carência de contatos pessoais como principal motivo de busca dos serviços por telefone e da comunicação via Internet:

Tem outro aspecto também que diferencia a depressão de outrora da de hoje, que é a evolução da tecnologia. Paradoxalmente, aquilo que te coloca em contato com a pessoa lá no Japão, lá na Conchinchina, te distancia do seu vizinho. O que acontece? A pessoa começa a entrar num encapsulamento, num ostracismo cada vez mais, por quê? O paradoxo diz: "eu posso conversar com os meus amigos, com meu filho, com não sei quem que está lá no Japão e eu peço pizza pela Internet, eu não tenho mais contato com o atendente, eu não tenho mais isso", então a pessoa começa a construir um mundo muito particular, muito amplo, no virtual e muito restrito no real. Não o real da Psicanálise, mas da realidade. Então, são exatamente esses aspectos contemporâneos, têm acentuado, as pessoas que têm já uma propensão a depressão, uma propensão ao ensimesmamento, vamos dizer assim, elas têm um acentuamento muito maior hoje (...) (M. Psicanalista).

Em outras palavras, o paradoxo social contemporâneo faz com que convivamos dia-a-dia com tanta gente e nos sintamos tão solitários. A tecnologia tem sido instrumento de comunicação ambíguo, pois pode facilitar a busca de companhia virtual e ser usado para sustentar o isolamento social.

Inconsistência simbólica

Quando a oferta de "autoridades" identificatórias prolifera diante do estilhaçamento da tradição e da estabilidade da Lei paterna na sociedade de controle, muitos sujeitos passam a padecer de um sentimento de incerteza e instabilidade:

(...), mas que existe uma lei se afrouxando, existe. Ela tem muito desses guetos que estão se formando, o limite entre eu e o outro já não é mais tão extenso, é muito perto... eu e o outro já não faz muita diferença. Se eu não tenho o outro como referência pra mim, ele não vale nada, se esse outro não vem colocar uma lei, me dar uma referência, se eu posso dar um tiro...chegar e pá! Dar um tiro na testa do outro! O que eu tenho pra mim? Lei nenhuma, se esse outro não me oferece esse limite (J. Psicóloga).

O declínio da autoridade e da alteridade faz despontar uma inconsistência simbólica como categoria, que acarreta uma falta de recursos para que a subjetividade se ordene:

(...) hoje matar não faz diferença nenhuma, matar ou morrer. A relação entre os pares ficou banal, sabe? "Ele me roubou uma galinha". Não tem conversa! (J. Psicóloga).

Neste sentido Birman aponta que:

(...) não é possível interpretar devidamente as formas contemporâneas de mal-estar estritamente nas perspectivas epistemológicas da psicanálise e da psiquiatria biológica. Isso porque as transformações contemporâneas produziram uma mudança antropológica na forma de ser da subjetividade que precisa ser reconhecida e apreendida (...) (BIRMAN, 2003a, p.62).

Em uma cultura em que a alteridade não encontra consistência simbólica, o que temos são individualidades lançadas na quase impossibilidade de se constituírem, lançando-as, assim, no *desalento*. Diferentemente do desamparo, onde a despeito da ausência de simbolização, esta se apresentava como possibilidade, no *desalento* é justamente o campo onde desliza o simbólico é que se encontra ausente, ou seja, a própria *alteridade*. Destarte,

(...) com a desconstrução do poder centrado na soberania e a multiplicação de seus pólos, a subjetividade não sabe onde se apoiar em sua organização, acarretando seu desmapeamento ostensivo e falhas nos processos alteritários (BIRMAN, 2003a, p.62).

Roudinesco (2000) afirma que há uma tentativa de distanciar o homem de qualquer conflito, evitando-se a luta com o mundo. Já não é tão evidente a oposição a um grande relato, seja a repressão sexual invocada pela sociedade do final do século XIX, seja ao Estado soberano, pólo único e central de poder e da disciplina. A histeria, nesse contexto, seria uma contestação da ordem vigente, expressa, principalmente pelo corpo, através de mecanismos inconscientes.

Atualmente, a dor generalizada é, muitas vezes, a queixa a permear os indivíduos que buscam os consultórios:

E essa questão da dor é uma questão muito engraçada, quando eu estudava muito dor eu fui achar no Freud uma frase que dizia assim: "se a dor da alma tá aprisionada em uma dor de dente, há que se tratar o dente", foi um aprendizado pra mim isso, porque a gente costuma julgar muito esses pacientes doloridos. Eles chegam em todos os lugares, aqui no centro de saúde também. A médica da saúde da família esses dias me chamou e

falou: “olha, J., a estatística aqui, 78% dos pacientes que eu atendi esta semana a queixa principal era dor. É dor nas costas”... então a saúde pública está muito inchada desses pacientes doloridos. E na maioria das vezes são pacientes que se a gente fosse diagnosticar igual ao Freud lá, são pacientes histéricas, que estão infelizes no casamento, as da favela aqui que o marido bate, que o marido é alcoólatra, então o primeiro sintoma que eles apresentam pra entrar no centro de saúde é dor, mesmo porque a dor não pode ser quantificada, é uma experiência muito subjetiva. Então eles entram muito através da dor, daí a auto-medicação, daí essa tomação de remédios, não tem dipirona que chegue, não tem tilenol que chegue neste posto de saúde. Pra gente falar do “teatro” (histórico), talvez esse seja um teatro, mas um teatro cruel, que tem desdobramentos políticos, econômicos, sociais muito grandes e impede a pessoa de trabalhar, essa enxurrada de aposentadoria... eu acho que esses sintomas são tratados de maneira equivocada, porque chegou com dor, medica, nem pergunta que dor é essa que você tá sentindo. Acho que a coisa é meio desvirtuada... não precisa medicar todo mundo que chega falando (J. Psicóloga).

Essa evidência clínica põe os fenômenos psicossomáticos no cerne dos novos caminhos do sintoma. Apontamos aqui, superficialmente, estudos da escola de Paris que focalizam a questão da pobreza simbólica, o que parece convergir com a presente pesquisa em alguns pontos. De fato, nesses pacientes a dor parece ocupar o lugar da angústia, e o vazio surge onde se esperaria uma representação. Tal entendimento parte do modelo econômico da metapsicologia freudiana. Não devemos nos assustar com essa proposta da Psicanálise se levarmos em conta o que diz Jurandir Costa:

O socius não é o apêndice do indivíduo; o indivíduo é que foi o primeiro passo em direção ao social. Se o valor da sociologia freudiana foi desprezado é porque houve, até então, uma apreciação por baixo da qualidade desta produção. No momento em que Freud sai do limbo e alcança a aprovação da comunidade científica, não há razão para se continuar achando que o que ele disse sobre o social é inferior ao que ele disse sobre o individual (COSTA, 1989, p. 60).

Cabe trazer à tona o conceito de pulsão e seus possíveis destinos, que marcariam as características do sofrimento psíquico. Freud (1980b, p.142) localiza a pulsão na fronteira “entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em conseqüência de sua ligação com o corpo”. Através dos processos de escoamento da pulsão, abre-se a

possibilidade de entendimento das patologias contemporâneas que se situam na interface desses registros. Pierre Marty, fundador da escola de Paris de Psicossomática, diz que *“podemos recortar artificialmente três setores da economia humana: um setor referente ao pensamento, outro à ação e outro, ainda, à vida somática”* (MARTY, 1998, p.05).

Na pulsão persistem elementos que encontram destino nas representações inconscientes e que podem conduzir tanto à neurose (no sentido clássico de Freud) como à sublimação. Contudo, se os mecanismos que possibilitam a representação estiverem desvanecidos frente à excitação pulsional⁹, à pulsão caberá seguir a ação através de atuações compulsivas, seja pelas toxicomanias ou transtornos alimentares, por exemplo, ou pela somatização, como a Síndrome do Pânico.

Posto isto, cabe apontar uma compreensão do sujeito perante suas defesas e estratégias para interagir com o mundo social, tendo em vista a dimensão da relação entre sofrimento psíquico e processo civilizatório e modos de subjetivação em que o mesmo está imerso: *“toda patologia traz em si um traço de sua época (...)”* (CARVALHO, 2004, p.156), e deve-se *“(...) levar em conta a maneira como o sofrimento do indivíduo aparece em determinado momento histórico em sua relação com o mal-estar desse momento”* (SAFRA citado por CARVALHO, 2004, p.156).

Pintado o quadro das mudanças institucionais abarcadas pelo conceito de pós-modernidade, tem-se uma sociedade em que o ritmo vertiginoso do dia-a-dia e a saturação de estímulos, a renovação constante, que tem como palco a pressão capitalista determinam sujeitos incapazes de elaborar essas transformações. Ferraz (2002) traz uma formulação teórico-clínica a partir do termo *normopatía* que designa,

9 Surge aqui o conceito de trauma como *“decorrente de um aporte de excitação que invade o aparelho psíquico, e que é superior, naquele momento, à sua capacidade de processamento gerando um movimento em direção a um desarranjo”*. (Schwartzman, 2004, p. 138).

grosso modo, sujeitos tão afetados pela necessidade de adaptação à vida cotidiana que essa “normalidade” se torna um processo psíquico defensivo frente à vida, às percepções intra-subjetivas, gerando o empobrecimento da fantasia. Prevaecem processos psicológicos vi que visam uma postura de normalização na sociedade democrática moderna, que recrimina qualquer perspectiva revolucionária. Torna-se comum “*um indivíduo depressivo, que foge do seu inconsciente e está preocupado em retirar de si a essência de todo conflito*” (ROUDINESCO, 2000, p.19). Essa descrição leva aos conceitos de pensamento operatório e mentalização:

a mentalização diz respeito à quantidade e à qualidade das representações, inconscientes e pré-inconsciente em um dado sujeito (...). A riqueza de representações, assim, foi denominada boa mentalização, sendo peculiar à neurose ou psiconeurose da psicanálise; a má mentalização, por seu turno, correlata ao pensamento operatório, é peculiar ao somatizador. (FERRAZ, 2002, p.55)

Dejours (1997) apresenta a doença somática como tradução da desorganização na qual o indivíduo de hoje se enreda:

as doenças somáticas aparecem sobretudo em indivíduos que apresentam uma estrutura mental caracterizada pela pobreza ou ineficácia das defesas mentais (...). Quando as defesas características e comportamentais não conseguem conter a gravidade dos conflitos ou a realidade, tais sujeitos não descompensam de um modo neurótico, nem de um modo psicótico (DEJOURS, 1987, p. 126).

A idéia de falha na simbolização é compartilhada por vários autores (KRISTERVA, 2000; UCHITEL, 2002; OCARIZ, 2002; FERRAZ, 2002). Essa discussão já havia sido feita por Freud (1980) em seu texto “*Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*”. Apesar de reflexões que apontavam para a incidência da doença nervosa na moderna vida civilizada, o autor diz:

A meu ver, a deficiência destas e de outras teorias semelhantes está não em sua imprecisão, mas no fato de se revelarem insuficientes para explicar as peculiaridades dos distúrbios nervosos, e de ignorarem justamente o fator etiológico mais importante. Se deixarmos de lado as modalidades mais leves de “nervosismo” e nos atermos às doenças nervosas propriamente ditas, veremos que a influência prejudicial da civilização reduz-se principalmente à repressão nociva da vida sexual dos povos (ou classes)

civilizados da moral sexual "civilizada" que os rege. (Freud, 1980c, p. 190-191)

Sexo x Sexualidade

O que dizer do que veio depois de Freud - a revolução sexual, a independência feminina e o marketing midiático do "goze!?" Não estaríamos livres do recalçamento proporcionado por uma instância castradora vinda de leis calcadas em uma sociedade moralista sexualmente?

Essa acusação que eles gostam muito de fazer a Freud. Ah! Tudo é sexualidade, tudo é sexualidade...no meu entender isso parte de um mau entendimento da questão da sexualidade na obra de Freud. Quer dizer, quando Freud coloca a sexualidade, ele diferencia claramente de genitalidade, então a sexualidade em Freud ia desde a pele até o movimento de intestino, até o sexo, o pênis, a vagina, etc., etc. Agora é engraçado como eu entendo a questão, obviamente que em Freud, você pode me dizer que em Freud vitoriano havia uma repressão sexual muito mais violenta, mas nós continuamos com certos focos de repressão sexuais hoje em dia, que são específicas, vamos dizer assim, quer dizer, quantos e quantos clientes que eu atendo que têm toda uma problemática baseada na homossexualidade, porque sofrem repressão sobre a sexualidade, tanto homens quanto mulheres... quantos que eu atendo que têm uma problemática sobre a sexualidade porque têm como objeto sexual coisas inaceitáveis na nossa cultura, quer dizer que essa tal revolução sexual que começa em 1968 em Paris, eu acho que ela abriu muito a possibilidade, abriu muito a questão da sexualidade humana, mas eu acho que ela não mudou intrinsecamente nada profundamente a esse respeito. Eu acho que, apesar de hoje em dia as pessoas... se você vai no carnaval (...), por exemplo, os "rapazes" à noite trepam no meio da rua, baixam as calças e trepam. Eu acho que apesar disso que está acontecendo, que não acontecerá, eu acho que eles não lidam diferente com esta questão. A sexualidade continua a ser algo que é algo de recalçamento, no meu entender (J. G. Psicanalista).

A Psicanálise é atacada por ser uma teoria que privilegia os aspectos da vida sexual. Contudo, o que por vezes é tomado erroneamente é o conceito de sexualidade como algo relativo exclusivamente à vida genital.

Pela força que exerce no ser humano, a sexualidade continua a perpassar as queixas dos indivíduos. O que aparece como liberação está muitas vezes mascarado por um recalçamento que tem como norma o imperativo do desfrute total e da própria liberalidade. O homem libertou-se de uma tirania para cair em outra: abandonou a tirania do tabu para mergulhar na tirania do prazer, da performance. O

ato sexual em si passa a ser entendido como a única dimensão da sexualidade, permanecendo-se na superfície da questão:

(...) eu concordo que a gente tá vivendo o avesso do avesso, que no final é a mesma coisa. Eu acho que é uma grande loucura a sexualidade “pós-moderna”, porque a gente recebe adolescente de 11, 12 anos grávida, sem ter noção do que tá acontecendo, achando que vai brincar de boneca. Eu acho que hoje em dia a facilidade do sexo, a banalização... eu não acho que é a banalização da sexualidade, é a banalização do sexo, porque eu acho que a sexualidade, ela anda acontecendo do mesmo jeito. (...) Acho que o que mudou é o sexo, não é a sexualidade (J.Psicóloga).

Desvela-se a proliferação do gozo, prazeres, multiplicidade de sexualidades diversificadas, periféricas, encontro sexuais não mais regulados pelas leis do casamento (dispositivo de aliança), mas pela erotização dos corpos. Nessa medida, não se tem hoje uma sexualidade mais livre, mas sistemas diferentes na sociedade de controle. A “repressão”, muitas vezes, transveste-se de liberação:

a importância dada ao sexo, em Freud, é entendível não por ser ele o representante das qualidades elementares ou originárias do psiquismo, mas por fatores históricos ligados à invenção da Psicanálise. (...) Uma coisa, porém, é admitir que a via de entrada da investigação psicanalítica se deu pelo portal do sexo; outra coisa é fazer do sujeito um epifenômeno dos destinos da pulsão sexual (COSTA, 2004, p.51).

Performance

Um aspecto relevante do reflexo do desmapeamento ostensivo da subjetividade apontado nas entrevistas é a performance exigida no trabalho como fator de sofrimento na pós-modernidade: o aumento da concorrência em um mercado globalizado e altamente competitivo, a perda de lucratividade, a necessidade de aumento da produtividade e da formação continuada, o impacto das novas tecnologias. Neste sentido, esta categoria, aparece para os entrevistados como uma das mais importantes no mundo contemporâneo, no que diz respeito às ‘demandas’ dos clientes. Com feito,

Se nos formos pensar, há dez anos atrás, uma pessoa que tinha o terceiro grau, era um profissional disputado no mercado. Hoje, se você não tiver um mestrado, um doutorado, você não está mais sendo visto pelos mesmos olhos no mercado. Isso faz com que as pessoas entrem num círculo vicioso de estudar mais, de trabalhar mais, de querer mais, para que ele atinja o que há dez anos atrás era tranquilo pra atingir. As metas estão cada vez mais altas e conseqüentemente, quando você tem que trabalhar mais e estudar mais, você tem menos tempo de se relacionar (M. Psicanalista).

Boa parte do sofrimento crescente no trabalho advém do fato de os indivíduos serem cada vez mais instrumentos nas organizações, ao contrário do discurso da administração que prega que as empresas estão mais atentas aos seres humanos e valorizam mais o conhecimento. Na verdade, as empresas dão as cartas e detêm poder através de mecanismos de controle. Os indivíduos, temendo perder seus empregos, não podem se expressar dentro do trabalho, tendo que pensar de acordo com a lógica da organização, que é a lógica capitalista e consumista.

Eu tenho uma filha que está trabalhando no comércio. Ela trabalha em uma loja de roupas, roupas caras! Então entrou uma senhora dentro da loja, pela qual ela tem muito apreço, porque ela teve um acidente e o marido dessa senhora é que tratou dela, um tratamento muito longo. Com isso desenvolveu entre ela e o dentista que fez o tratamento uma amizade muito grande. Pois então, chegou a esposa desse dentista na loja, e eles são pessoas muito ricas, conhecidas em Belo Horizonte pelo poder aquisitivo deles. Então elas tiveram um encontro muito afetuoso, trocaram abraços e tal. E aí a gerente chegou para a minha filha e falou assim: “Sem dó! Sem dó!”. Tipo assim: “faz as vendas para ela e arranca o couro!” (M. A. Psicólogo).

Essas mudanças abalam as relações entre indivíduos. Aumenta o sofrimento pelo medo da demissão, a insegurança, a intensificação do trabalho, o nível de exigência e qualidade: *“o trabalho assusta mais quando a pessoa não tá conseguindo trabalhar, isso é o mais assustador de todos”* (A. Psicanalista). De fato, segundo Bauman (2001), torna-se um indivíduo *de jure*, ou seja, não ter ninguém a quem culpar pela própria miséria, significa não procurar as causas de suas derrotas senão na própria indolência e preguiça, não tendo outro remédio senão tentar com mais determinação.

Tem havido uma ampliação do olhar do profissional da clínica para a importância da dimensão do trabalho no sofrimento psíquico da sociedade pós-moderna. Essa dimensão inicialmente era ignorada pela psiquiatria e pela psicologia clínica, não havendo sequer, na maioria dos casos, perguntas sobre o tema nas anamneses que eram realizadas. As pessoas estariam sempre envolvidas com a sexualidade, com paixões, com problemas familiares, com complexos, mas eram tratadas como se a dimensão do trabalho não existisse em suas vidas nem trouxesse questionamentos próprios. Hoje, o âmbito profissional tem forte influência na demanda por atendimento psicoterapêutico:

eu recebo psicólogos, dentistas, engenheiros, advogados... o único profissional que eu não recebi ainda foi médico... que eu acho que ainda tem emprego, acho que ainda tem trabalho pros médicos, mas o resto, eu tenho recebido muita gente que ficou desempregada, que mora aqui na zona sul porque quando tinha emprego conseguiu comprar um apartamento, e tá endividado com o condomínio, tá se sentindo mal porque tem três anos que não paga o condomínio e os vizinhos olham de um jeito esquisito (...) (J. Psicóloga).

Mostra importante para os indivíduos contemporâneos construir uma subjetividade baseada em performances. A idéia de desempenho toma lugar da idéia de auto-conhecimento que prevalecia anteriormente nas demandas nos consultórios:

As pessoas têm que se encaixar no mercado de trabalho, têm que construir uma família, a mulher tem que encontrar um companheiro, o homem tem que encontrar uma companheira, tem que construir uma família que depois também vai ter que ser inserida no mercado de trabalho... então essa preocupação de ter um lugar, ter um encaixe social, ter um bom relacionamento afetivo com alguém, com seus filhos, com seus familiares são questões que aparecem muito, muito intensamente (...). Mulheres e homens que têm problemas com os filhos, que não conseguem conduzir esses filhos bem ou na direção que eles poderiam chamar de cidadãos, pessoas que são capazes de estudar, passar bem por uma escola, passar no vestibular, por uma faculdade, depois ter um bom emprego. Isso é o sonho de toda família, inclusive a família mais pobre (...), sempre uma ruptura com isso vai fazer com que a pessoa venha procurar atendimento (A. Psicanalista).

É nesse sentido que depressão marca o indivíduo contemporâneo, perdido frente às liberdades conquistadas: “(...) *muita gente com sintomas de depressão, adultos e crianças também! Isso surpreende a gente*” (A. Psicanalista). Poderíamos então dizer que as histerias não existem mais? Que foram substituídas, na sociedade contemporânea, por quadros mais amplos abarcados pelo termo nosográfico “depressão”? É preciso cuidado para não precipitar uma análise que se dirija para alguma “entidade nova”, decorrente do déficit no ajuste da personalidade no contexto social ou em formulações que se queiram universalistas e imutáveis.

Não se trata de estabelecer relações de simples causalidade entre sociedade e indivíduo. Fazê-lo seria encerrar a análise em uma perspectiva estéril para o tema que nos ocupa. Trata-se de lançar luz sobre um fenômeno que extrapola limites teóricos, dizendo do sofrimento de cada indivíduo diante das condições globais que favorecem a individualidade, atitudes performáticas e narcisistas; e uma de suas conseqüências significativas, a depressão.

A Psicanálise, que sempre trabalhou as relações familiares como estruturantes do sujeito, onde tudo passava pelas interconexões dos pares parentais ficando excluído a questão social, parece ter acordado para a dimensão social. A clínica psicanalítica da modernidade era praticada reivindicando espaço de extraterritorialidade social, importando-se apenas com a intimidade, sem que o Outro social atravessasse este espaço. Apesar dos avanços nesse sentido, ainda é possível perceber a presença dessas questões quando tal teoria é tomada como texto universal, desconsiderando outros tipos de enfoque teórico. Essa postura gera a interpretação de que não há nada de novo além do que já foi dito pela Psicanálise.

(...) discordo inteiramente, que não dá hoje pra você pensar tratamentos na clínica pela via de Freud porque a época de Freud era assim ou assado, e que hoje não é assim. Eu acho isso totalmente equivocado, porque só se eu for muito rígido de tomar, apurar B por B e não considerar até o contraste,

porque, na verdade será que a gente tem alguma coisa nova hoje? Eu não sei se a gente tem! Eu acho que tudo que pode ser feito e que a gente diz que é novidade é em cima do antigo, eu entendo assim, por isso que eu acho totalmente ingênuo: "nova época, novos homens, novos sintomas", eu opero desse jeito. O novo é sempre aquilo que se debruçou sobre o antigo. É por isso que daí pode sair algo novo, mas é só a partir desse debruçar sobre o antigo, muito mais uma dialética (W. Psicanalista).

Alguns autores defendem, por outro lado, a posição de que *"agora já não se trata de entrar em luta com o mundo, mas de evitar o litígio aplicando uma estratégia de normalização"* (ROUDINESCO, 2000, p.17). A dor interna tornou-se fora de moda, algo que não combina com o que o mundo espera de nós. "Esconda sua dor", "dance", "faça ginástica", "beba", "transe", "busque a fama", "fique alto-astral" são alguns dos lemas que atravessam a forma de controle da sociedade pós-moderna: *"(...) eu acho que vida de hoje tem cobrado uma certa dureza, uma certa racionalidade das pessoas"* (A. Psicanalista), ou seja, uma valorização do desempenho, da estetização da vida em todas as suas dimensões (trabalho, religião, lazer, etc.)

A ciência como produção de discurso no sofrimento psíquico

Uma cultura que privilegia a rapidez e a performance gera como efeito colateral o não-aprofundamento das elaborações. Torna-se cada vez mais rara, para não dizer em extinção, uma análise nos moldes da sociedade vitoriana, de quatro sessões por semana. Essa brecha é terreno propício para as indústrias de remédios que prometem apaziguar as dores da alma às custas da eliminação do sujeito e de uma subjetividade que tem como valor primordial a estetização da existência. Assim, *"receitados tanto por clínicos gerais quanto pelos especialistas em psicopatologia, os psicotrópicos têm o efeito de normalizar comportamentos e eliminar os sintomas mais dolorosos do sofrimento psíquico, sem lhes buscar a significação"* (Roudinesco, 2000, p.21).

(...) a felicidade química que o remédio propõe. A gente tá longe de propor qualquer coisa parecida com isso, acho que as pessoas querem uma resposta imediata. Eles custam a entender e mesmo essas pessoas que vêm buscar essa resposta imediata e a gente fica nesse papel meio tirânico de barrar... a gente fica nesse corpo-a-corpo mesmo de tentar fazer o sujeito entender que o médico não vai dar todas as respostas... até de convencê-lo disso... até pra gente eles pedem: “você não vai me dar nenhuma receita”? Eles precisam de uma resposta imediata, é uma questão de sobrevivência (J. Psicóloga).

Por essas questões, as descobertas de drogas utilizadas pela psiquiatria têm peso importante no contorno dos discursos dos novos sofrimentos psíquicos:

As novidades! Uma coisa que promove muito a novidade, você já sabe e eu vou acrescentar essa que você já sabe, o TOC... Você sabe o que é isso? Por que agora é TOC, não é neurose o novo, o TOC e não aquele antigo (neurose obsessiva), porque tem um remédio novo que vale 10 vezes mais que o antigo... eu tô dizendo remédio em termos químicos... então isso tem um grande lance do laboratório, tipo assim: “vamos lançar um remédio, porque se a gente ganhava mil, a gente vai ganhar 10 mil... vamos?! Ah! Mas nós vamos lançar esse remédio pra neurose obsessiva!? Vamos então inventar um outro nome: TOC! Porque senão a pessoa vai dizer assim: pra neurose obsessiva já tem aquele mais baratinho”. E aí se o psiquiatra diz assim: “você tem é TOC”, então ele acha que é uma coisa nova, aí a novidade... vai pagar muito por ela e não vai pagar pela antiga, dele mesmo, neurose obsessiva (W. Psicanalista).

Assim como a melancolia e depressão? Pergunto.

Total! Isso é pra ganhar dinheiro e é por isso que eu larguei a psiquiatria. Isso é que as pessoas não sacam, olha o discurso, novos discursos para satisfazer o ganho capitalista (W. Psicanalista).

O que dizer, então, das Síndromes do Pânico, dos distúrbios alimentares, das adicções? Não seriam “novos” sintomas para uma nova sociedade? A resposta a essa questão gera discordâncias. Entretanto, observa-se que

as questões estão ficando mais sofisticadas, então a gente tem casos de fobia, de Síndrome do Pânico, aí entra na questão da ansiedade, das fobias, das pessoas que apresentam uma fobia, falam que são muito ansiosas... Síndrome de Pânico, tem aparecido também a questão da bebida (...); já tive vários clientes que aparecem na clínica, pessoas que são viciadas em comida, que têm uma dificuldade louca de se desvencilharem da bebida, talvez a bebida seja uma muleta para dar a essa pessoa mais coragem (...). (A. Psicanalista).

Quando se escancara valores de eficiência, de maximização, em que o sentido da temporalidade é afetado, declinam o tempo de convivência, os espaços

de encontros, conversas, lazer, em uma realidade preenchida pelo excesso de trabalho mesmo diante das "facilidades" da vida pós-moderna. Isso faz com que

(...) a dificuldade do mundo contemporâneo, a tensão, a pressão pelo tempo, a falta de entendimento entre as pessoas, entre os pais, essa disputa acirrada por um lugar no mercado de trabalho, a tecnologia... essa loucura não deixa espaço para o lazer... o sujeito acaba sendo tomado de todo o prazer que possa ter na vida. E aí o que ele faz? Ele busca o prazer o tempo todo, então vira uma coisa do avesso do avesso. O que é a droga? Não é a busca de se viver eternamente no princípio de prazer? O que é o sintoma de uma doença? Embora seja uma pulsão de morte, a busca pra ver se consegue alguma coisa naquilo ali, mesmo que seja equivocadamente (A. Psicanalista).

A plasticidade dos papéis que cada indivíduo exerce e as novas maneiras de se organizar as relações de gêneros e de parentesco trazem entraves e apontam para a necessidade de se reformular a apreensão do padecimento psíquico diante da trama familiar atual, onde:

o pai está muitas vezes quase de igual pra igual com a mãe, com a mãe que trabalha o dia inteiro, que sustenta uma casa, que é a dona do lar, uma mãe que não tem marido, com o marido que às vezes cria os filhos porque a mãe sumiu... então tem uma nova forma aí para se pensar (J.G Psicanalista).

Crença e tradição já não dão mais a direção; a moral e a ética são desvalorizadas, o conhecimento não é visto mais como absoluto. Imagens surgem de todos os lados, convidando os indivíduos a permanecer no mundo de simulacro como náufragos agarrados em tábuas de salvação. Há uma vida ainda desconhecida, o que traz várias possibilidades de criação e expansão, mas também escuridão e desamparo. Contudo, só temos olhos para aquilo que nos mantém vivos, a salvos, e agarrados à bóia da vida pragmática, tornamos nossa vida interior "anoréxica", repelindo os elementos para nos pensarmos como pessoa, como subjetividades.

Novas categorias diagnósticas, especialmente no campo da psiquiatria, tentam dar conta desses aspectos. Assiste-se o surgimento de uma infinidade de transtornos, marcados por um linguajar sintomatológico: "o sujeito róí unha - O

Transtorno do Roedor de Unha - o sujeito tem azia - é o Transtorno da Má Digestão - é uma linguagem montada em cima do sintoma. Não se preocupa em explicar como é formado esse sintoma (...) (J. G. Psicanalista). Assim, “*em torno dessa metamorfose no Outro, eclodem diferentes formas de sintomas que são, imediatamente, recolhidas pelo saber psiquiátrico, numa ótica estritamente fenomênica*” (SANTIAGO, 2001, p.60).

Nenhuma causa psíquica é nomeada, como se a última causa, química, aparentemente longínqua e independente, fosse impossível de ser representada. O aniquilamento da realidade psíquica produz desgaste das barreiras imunológicas, assim como somatização de afetos insuportáveis e não-representados. As mutações e o mau uso do discurso técnico enfatizam essa questão:

(...) no meu entender isso inclusive é criado pela própria medicina. Por exemplo, eu posso citar o exemplo de uma cliente que eu recebi outro dia que ela veio encostada há dois anos no INSS, porque ela tinha fribromialgia. E ela descreve pra mim a doença dela tal como você pode pegar um livro e ler... dor aqui, dor ali, dor assim, dor assado. Eu acredito perfeitamente que essa histérica, ela encampou um sintoma pronto do qual ela se cerca. Assim como a histérica do Freud lá desmaiava, paralisava as pernas, etc., etc., tinha vômitos, aquelas coisas todas, a nossa histérica vai encampar sintomas que são criados muitas vezes por nós mesmos (J.G. Psicanalista).

As expressões de sofrimento psíquico relacionam-se, assim, ao discurso de cada momento e às ferramentas que a sociedade dispõe.

Os travestismos dos sintomas na sociedade operatória

Esse panorama performático, fluido, efêmero, permite dizer que a sociedade contemporânea funciona de modo *operatório*:

Eu não sou especialista em Sociologia, mas o que eu posso reparar no consultório, eu posso reparar que a cultura nossa é... o que é a nossa cultura atualmente? Antigamente se chamava uma cultura ocidental cristã, hoje em dia não sei se é isso, será? Cultura do hambúrguer, o que será a nossa cultura? Que dizer, eu acho que a nossa cultura, no meu entender, ela não caminhou em direção à subjetividade. Eu acho que a cultura eliminou o sujeito, eu acho que a nossa cultura caminha pra... como é que eu vou dizer... os procedimentos, os movimentos dentro da cultura são todos em direção de algo que não tem sujeito como... a cibernética, a internet, essa preservação da natureza... nada disso tem sujeito, não é o

sujeito que tá envolvido, a própria globalização não é um sujeito, não é um indivíduo. Eu acho que essa Psicanálise que foi pensada por Freud pra era Vitoriana, no século XIX, XX, né?, ela já não responde mais ao movimento da cultura. Quer dizer que o cara não tá muito interessado em saber de que parte do inconsciente vem o desejo dele, pelo saber, ele tá interessado em que você ajude ele com aquele sintoma, é esse que é o interesse dele (J.G. Psicanalista).

Ao homem da "sociedade operatória", não cabem elucubrações filosóficas e afetivas de si mesmo. A superficialidade e a rapidez tomam contornos de um imperialismo onde a Psicanálise em seu sentido puro, ortodoxo, perde terreno para outras formas de uso da teoria. Cabendo àquela, grupos restritos que estão muitas vezes em formação para se tornarem analistas. Novas formas de lidar com a demanda são configuradas, buscando manter suas bases para que não seja desvirtuada diante das ofertas infinitas de terapias alternativas, de literatura de auto-ajuda, Esse contexto coloca para a Psicanálise o grande desafio de se manter no amanhã, o que não diz respeito apenas às suas possibilidades de eficácia terapêutica.

Exatamente pra não cair no vazio dessa clínica do oba-oba... eu mando você dar uns murros aí nessa almofada, uns berros, depois de amanhã você tá outra vez com o seu sintoma... eu acredito em uma possibilidade de uma terapia que não é uma análise, mas eu acredito nessa possibilidade dentro do corpo teórico psicanalítico. Eu posso pensar perfeitamente que eu não vou fazer uma análise, meu procedimento não é uma análise, mas eu vou seguir determinados parâmetros, direções que obrigatoriamente eu tenho que ter com aquele cliente, e uma determinada ética (J.G. Psicanalista).

Quando eu comecei a formação em psicanálise, quando eu me entusiasmei com Melanie Klein, com Freud, eu era mais ortodoxo, mas com o tempo de clínica eu vi que na verdade se você tem 60 clientes, 70 clientes, você vai ter 20 que estão em análise, o resto não tá em análise. Se eu for seguir a ortodoxia, eu tinha que mandar esses outros embora, indicar para um comportamental, pra outras linhas, outros tipos de atendimento. E na verdade eu acho que essa redução da clínica a análise dentro da linha psicanalítica teve muito em voga em 1970 até metade dos anos 80, depois você sabe que perdeu força. Hoje em dia, no meu entender, essas análises, esses analistas extremamente analistas, eles são antropofágicos, eles atendem outros psis que são analistas que atendem outros analistas. Eu não vejo isso como uma clínica, como Freud fazia, até o próprio Lacan fazia, que é uma clínica das pessoas, da cidade, e não dos psis, não é? (J.G. Psicanalista).

Se os sintomas não são criações de uma época, são, por sua vez, apreendidos em cada tempo em diferentes ligações significantes: "eu não acho que

o sintoma é criado, ele é simplesmente reencapado, quer dizer: essa que tem fibromialgia é uma histérica” (J. G. Psicanalista).

A época dita pós-moderna enfrentou, de certa forma, os recalques da cultura, mas o corpo continua sendo trazido à cena contemporânea com uma “nova roupagem”:

Eu concordo que você não encontra mais uma histérica que faz um arco, que paralisa a perna, eu encontro agora uma histérica que põe peito de silicone, que sai pelada na Playboy, mas esse sintoma é formado pelo mesmo jeito (...), as vestimentas, não tá com uma roupa de 1800, só tá com uma mini-saia, isso não quer dizer aí que é outra coisa. Quer dizer, tá travestida de outra forma, o travestismo do sintoma, isso muda de acordo com a época. (...) Por isso que eu acho que o aspecto travestido do sintoma muda, mas isso não é o núcleo do sintoma, esse é imutável, mas você pode ter vários travestimentos, travestismos de sintoma, né? Se não são aquelas de Charcot, que têm todo um contexto lá que compõe, mas pode ser aquela do pronto-socorro, por exemplo, que também compõe de outra forma. Isso que eu quero dizer (W. Psicanalista).

Esses travestismos são comumente traduzidos como adicções e transtornos alimentares, depressão, pânico, angústia, insônia, stress, gastrite, ansiedade e problemas afetivos. Não é necessário perspicácia para que seja reconhecida sua evidência: “(...) o sintoma se assemelha, segundo as palavras do Evangelho, a um odre velho repleto de vinho novo” (FREUD, 1996, p.58-59).

Enfim, o discurso psicopatológico da pós-modernidade recebe em seu corpo teórico um conjunto de transformações antropológicas que alteram as formas de conceber o sujeito, permitindo uma aproximação do passado e sua compreensão à luz de novas fórmulas. A clínica está inserida na realidade social e com ela se transforma, através de uma série de fatores.

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista nos pareceria muito substancial, perde grande parte de sua significação quando considerada mais profundamente. É verdade que a psicologia individual refere-se ao ser humano singular e estuda os caminhos pelos quais procura atingir a satisfação de suas moções pulsionais. Mas só raramente e sob o domínio de condições excepcionais lhe é dado prescindir das relações do indivíduo com seus semelhantes. Na vida anímica do humano, o outro aparece regularmente como modelo, como objeto, como auxiliar, como inimigo; deste modo, a psicologia individual é, desde sua

origem, ao mesmo tempo psicologia social, num sentido amplo, porém plenamente justificado (FREUD, 1980d, p. 67).

A produção social de subjetividades e as conseqüentes formas de manifestação do sofrimento psíquico, a mudança na qualidade dos vínculos e dos projetos de vida convocam a ciência à realização de esforço interdisciplinar de compreensão do padecimento psíquico e à construção de modelos teóricos que dêem conta da complexidade da existência e das vicissitudes das sociedades contemporâneas.

5. CONCLUSÃO

A assunção do termo pós-modernidade neste trabalho teve o intuito de englobar as transformações dos dispositivos institucionais sofridas pela civilização, principalmente após a Segunda Guerra, e seus impactos na promoção de subjetividades no padecimento psíquico contemporâneo. Não se buscou qualquer esgotamento do conceito em questão, nem sua definição global, dados seus aspectos múltiplos de análise.

O fenômeno da difusão de “novos” sofrimentos psíquicos nas sociedades pós-modernas não pode ser explicado a partir de uma perspectiva única, por maior que seja a pertinência desta. A complexidade da questão só pode ser adequadamente compreendida quando inserida no contexto global das sociedades em que se produz.

A pós-modernidade traz em seu bojo mutações institucionais de impacto profundo na organização da sociedade e, conseqüentemente, nos indivíduos. Novas modalidades de organização das formas de poder e controle, da ciência, da cultura e da família, dentre outros, possibilitam o aparecimento de subjetividades fundadas na autonomia, na responsabilização, na flexibilidade de funções. Se não há estabilidade, produz-se subjetividades de acordo com esse momento histórico. Assim, as questões terapêuticas transfiguram-se, alterando também as ferramentas de intervenção e as possíveis leituras sobre a realidade.

Para os psicanalistas entrevistados nesta pesquisa, parece estar havendo uma ampliação na compreensão dos mecanismos motivadores do sofrimento

psíquico. O reflexo da época pós-moderna é um fluxo de subjetividades moduladas pelo capitalismo

A sociedade contemporânea de controle oferece uma profusão de imagens como modelos de eu ideal, calcadas na maximização do consumo e sem consistência simbólica. Um emprego que dê visibilidade, que proporcione um carro com *design* atual e padrão de vida excelente é tido como passaporte para a felicidade.

O padrão estabelecido acaba sendo um engodo, na medida em que o desemprego atinge índices alarmantes em todo mundo. Para os que estão inseridos no mercado de trabalho, há cada dia mais cobrança de performance profissional e formação, proporcionando uma falta de tempo para as inter-relações. Essa condição traz elementos para a difusão social do narcisismo, entendido como o fechamento do sujeito em si mesmo e a rejeição afetiva da alteridade. Esvaecidos os laços com o outro, a sociedade disciplinar, a família nuclear patriarcal, as formas antigas de se conhecer o mundo e a ilusão da suposta garantia de proteção por parte do poder soberano¹⁰, tem-se solo propício para desamparo, depressão, angústia e pânico que acompanham o indivíduo deixado à própria sorte.

Imersos no cotidiano fluido e saturado de estímulos e impregnados com o imperativo de movimento (que carrega o sentimento de *não poder parar* sob pena de serem excluídos do gozo capitalista), os indivíduos são levados a um estilo de vida marcado pela auto-programação, distanciados das representações e do contato consigo próprios. O corpo surge como refúgio da representação: tanto a esculpização corporal tendo em vista o padrão imposto quanto as queixas de dor

¹⁰ A questão é pensada a partir das reflexões de Birman (2003b) de que Deus, o pai de família, o Estado moderno e a razão, matrizes do amparo, estão em declínio, agravando o desamparo fundamental.

generalizadas podem ser vistos como aquilo que não se pode nomear e que escapa da cadeia simbólica. O corpo é absorvido pelo capitalismo, *“que o coloca no primeiro plano. Trata-se de um corpo que goza, que usufrui e consome objetos, em uma forma de gozar – gozar do corpo – que é invenção da sociedade capitalista”* (ANTUNES; SANTOS, 2003, p.58).

No mundo de hoje, temos subjetividades forjadas através dos avanços tecnológicos, da cibernética, da velocidade das informações, dos deslocamentos, dos serviços que, em tempo curto, atendem prontamente. A idéia de que o futuro é construído aos poucos para ser usufruído posteriormente tornou-se obsoleta. Constrói-se hoje para usufruto imediato, e a expectativa é de gozo intenso. O tempo tem horizonte curto, enfatizando o presentismo inclusive quanto ao sofrimento, fazendo crescer vertiginosamente a medicalização e as terapias que respondem prontamente ao sintoma.

Por isso tudo, as histerias antes tomadas nas descrições freudianas de repressão sexual, recalçado, retorno do recalçado, conversão vêm assumindo outras formas na atualidade. Para os psicanalistas ouvidos, quando são deslocados os severos agentes da repressão, figuras que encarnavam e aplicavam a Lei na sociedade disciplinar, surgem sistemas mais flexíveis (mas nem por isso menos severos) de controle, atravessados por uma subjetividade capitalista, em que a performance não consegue esconder o desamparo diante das exigências atuais.

As histéricas foram tomadas na segunda metade do século XIX como ícone da psicopatologia de uma época de repressão da sexualidade e cartilhas morais. No clima da pós-modernidade, a liberação das pulsões para a histérica não é suficiente (como também não o foi na época de Freud), pois o que ela demanda não é a liberação pura e simples do corpo, mas afeto.

A necessidade de respondermos individualmente por nosso destino, sendo a capacidade econômica o emblema de êxito ou fracasso nessa tarefa, diminui a capacidade de encontro com o outro, proporcionando elementos necessários aos padecimentos psíquicos contemporâneos. Assim como a histeria era o quadro que, com sua psicodinâmica, denunciava o arranjo cultural da época de declínio da modernidade, os sintomas psíquicos atuais podem ser vistos como ilustração da tessitura multifacetada das instituições pós-modernas.

Os entrevistados desta pesquisa percebem que os padecimentos psíquicos continuam sendo algo que denuncia a dinâmica na qual indivíduos estão enredados, mesmo que com nova roupagem, marcada pela supervalorização da eficácia que ordena que tudo funcione, pela erotização do corpo e as práticas narcísicas da medicina estética. A fim de satisfazer esse comando, sujeitos sacrificam suas escolhas.

Como resultado, o corpo, por exemplo, aparece como alvo das demandas nos consultórios, através da dor e das afecções psicossomáticas, lugar de descarga das excitações, diferentemente do corpo falante da histórica, tendo em vista a inconsistência simbólica na qual os indivíduos contemporâneos são submetidos.

Os sujeitos de hoje, portanto, estruturam sintomas diferentes dos descobertos por Freud, que se apresentava como enigma, mensagem a ser decifrada, formação substitutiva em que o recalco retornava irreconhecível, convocando à interpretação, à decifração, sustentando a suposição de um saber inconsciente, que instaura o dispositivo analítico.

A realidade atual, perpassada pela realidade virtual, acena com a possibilidade de se preencherem lacunas, infiltrando no laço social uma postura de tipo operatório. Emerge um conjunto de funcionamentos que incide sobre as

referências simbólicas do sujeito, fazendo-o declinar diante de uma realidade que não oferece tempo de elaboração dos impactos de suas transformações contínuas e extremamente rápidas.

No campo da saúde, temos os constantes lançamentos da indústria química para sanar males psíquicos. O termo nosográfico “depressão” constitui-se brasão psicopatológico da pós-modernidade, e o discurso médico torna-se poderoso agenciamento produtor de subjetividades, servindo de cartilha para descrever o mal-estar contemporâneo, onde se sentir angustiado ou enfrentar algum sofrimento torna-se obsoleto. Nesse panorama, a Psicanálise, com suas incertezas e falta de garantias, sofre intenso abalo em seus alicerces. Nos psicanalistas entrevistados nesta pesquisa, observou-se um movimento no sentido de se reorganizarem para atender as demandas de hoje, alargando seus entendimentos em relação aos vieses do sofrimento psíquico, possibilitando um lugar diferenciado (através de uma terapia psicanalítica – e não análise em sentido estrito) para suas práticas.

A exigência de maximização das potencialidades através do esforço individual foi tema recorrente, o que abre espaço para futuras reflexões sobre o padecimento psíquico, tendo como matéria-prima o desencaixe econômico do indivíduo no mercado de trabalho. Não se quer dizer, com isso, que a fonte de sofrimento da sociedade pós-moderna tem sua exclusividade na dimensão do trabalho.

O que se pôde vislumbrar nas entrevistas, foi um terreno marcado por uma subjetividade capitalista-consumista onde o sofrimento passa a ser reflexo da inserção do sujeito nesta ideologia. A sociedade de consumo faz o sonho parecer possível: tudo pode ser suprido. A cada dia, porém, surgem novas necessidades, novos produtos, novos sonhos, novas frustrações e, seguindo essa trilha, novos sofrimentos.

Com efeito, as mutações institucionais sofridas pela humanidade no século XX e início do século XXI trouxeram o alargamento da compreensão do sofrimento psíquico pelos profissionais que lidam com essa nova demanda. O mundo certamente não é mais o mesmo das históricas de Freud, e uma nova forma de sofrimento, característica da pós-modernidade, indica questões sociais, principalmente no mundo ocidental, marcada por novas subjetividades em um cenário de abandono institucional.

Nessa trilha, a Psicanálise vê-se convocada a produzir novos modelos de compreensão do psiquismo, sob o risco de tornar-se uma teoria obsoleta e defasada diante das rápidas transformações que são o marco da pós-modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- AKER, David. **Marcas**: brand equity. Gerenciando o valor da marca. São Paulo: Negócio Editora, 1999.
- ALMEIDA, Fernando. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- AMATUZZI, Mauro Martins. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de psicologia**, São Paulo, v.13, n.1, p. 5-10, 1996.
- ARÁN, Márcia (Org.). **Soberanias**. Rio de Janeiro: ContraCapa/Espaço Brasileiro, 2003.
- ARCAND, Denys. Entrevista: páginas amarelas. **Revista Veja**, s/n, p. 11-15, fev. 2004.
- ARMONY, Nahman. Percursos da clínica. **Saúde virtual**: uma ação para a cidadania. Disponível em <http://www.saude.inf.br/nahman/percursos_da_clinica.doc>. Acesso em: 15 mar. 2005.
- AUGÉ, Marc. **Não- lugares**: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- BACON, Francis. **Novum organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- BALLONE, Geraldo. Vigorexia. Síndrome de Adonis In:**PsiquWeb**. Psiquiatria Geral, 2004. Disponível em <www.psiqweb.med.br>. Acesso em: 13 abr. 2005.
- BALLONE, Geraldo. Ansiedade. **PsiquWeb**: Psiquiatria Geral, 2005. Disponível em <www.psiqweb.med.br>. Acesso em: 13 abr. 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BECK, Ulrich. **Risk society: towards a new modernity**. Londres: Sage Publications, 1992.

BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BENEDIKT, Adriana. Responsabilidade e criatividade em tempos sombrios. In: ARÁN, Márcia (Org.). **Soberanias**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

BENTHAM, Jeremy. **Le panoptique**. Paris: Belfondo, 1977.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; MARTINS, Joel. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes Ltda., 1994.

BINGEMER, Maria Clara Luchetti. A espiritualidade hoje: novos rostos, antigos caminhos. In: TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Sérgio Paulo (Orgs.). **Teologia na pós-modernidade: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BINGEMER, Maria Clara Luchetti. **Site pessoal oficial**. Disponível em <<http://www.users.rdc.puc-rio.br/agape/>> . Acesso em: 7 jul. 2004.

BIRMAN, Joel. Figuras do analista no cinema. In: BIRMAN, Joel. **Por uma estilística da existência: sobre a psicanálise, a modernidade e a arte**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BIRMAN, Joel. Reviravoltas na soberania. In: ARÁN, Márcia (Org.). **Soberanias**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003a.

BIRMAN, Joel. Soberania, crueldade e servidão: mal-estar, subjetividade e projetos identitários na modernidade. In: PINHEIRO, Teresa. (Org.). **Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003b.

BRASIL. Ministério da saúde. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Dispõe Sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos. Publicada no **Diário Oficial da União** de 16 de outubro de 1996.

CALLENBACH, Ernest et al. **Gerenciamento ecológico**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1993.

CALLIGARIS, Contardo. A paixão pelo novo e o casamento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 jun. 2001. Ilustrada, p. E8-E11.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2003.

CARLEY, Michael. Mercado estimula o "consumo infeliz". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 dez. 2003. Mundo, s/p.

CARVALHO, Maria Teresa Melo. Sobre o alcance e os limites do recalçamento nas chamadas "psicopatologias da contemporaneidade". In: CARDOSO, Marta Resende. **Limites**. São Paulo: Escuta, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Contingência e necessidade In: NOVAES, Adauto (org). **A crise da razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHAUPADRE, A. **Géopolitique**: constantes et changements dans l'histoire. Paris: Ellipses, 2001.

CHEVITARESE, Leandro. As "razões" da pós-modernidade. In: **Análogos**. Rio de Janeiro: Booklink, 2001.

CORDÁS, Táki Athanássios. **Transtornos alimentares**: classificação e diagnóstico. Disponível em <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol31/n4/154.html>. Acesso em 08 dez. 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **Tempo de Desejo** – Sociologia e psicanálise. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989

COSTA, Jurandir Freire. **O vetúgio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez/Oboré, 1987

DELEUZE, Gilles. **A lógica dos sentidos**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 jun. 1999. Caderno Mais!, s/p.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum: sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DESCARTES, Rene. Discurso do Método. In: **Os pensadores**. Nova Cultural: RJ, 1996.

DIAS, Maria Helena Pereira. Pelas sendas da modernidade. **Hipertexto**: o labirinto eletrônico – uma experiência hipertextual, 2000. Disponível em <<http://www.unicamp.br/~hans/mh/contexto.html>> Acesso em: 02 fev. 2005.

DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade de informação**: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. São Paulo: UNESP, 2001.

EAGLETON, Terry. **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

EHRENBERG, Alain. **La fatigue d'être soi**: dépression et société. Paris: Odile Jacob, 2000.

ENGERS, Maria Emília. **O professor alfabetizador eficaz**: análise de fatores influentes na eficácia do ensino, 1997. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre.

EMPRESAS CERTIFICADAS ISO 14001 NO BRASIL. s/d. Disponível em <<http://www.q.s.p.org/iso14000.shtml>>. Acesso em: 14 ago. 2004.

FACHIN, Luiz. Edson. **Elementos críticos de Direito de família**. Rio de Janeiro: Renovar, 1999.

FACHIN, Rosana Amaro Girardi. **Em busca da família do novo milênio**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

FAYOL, Henri. **Administração Industrial e Geral**. São Paulo: Editora Atlas, 1989.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Normopatia**: sobre adaptação e pseudonormalidade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

FERREIRA NETO, João Leite **A formação do psicólogo**: clínica, social e mercado. São Paulo: Ed. Escuta, 2004.

FERRY, Luc. **Homo aestheticus**: a invenção do gosto na era democrática. São Paulo: Ensaio, 1994.

FOUCAULT, Michel. A criação do biopoder. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 jun. 1999.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. In: FOUCAULT, Michel. **O que são as luzes**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREDERICO Augusto Tavares Junior; MARTA Azevedo Irving. Do ser humano ao "ter humano": os "camagurus" na cultura de consumo pós-moderna. In: Encontro Nacional de Antropologia do Consumo, 1, 2004, Rio de Janeiro. **Anais**. São Paulo: Universidade Federal Fluminense, 2004.

FREUD Sigmund. Estudos sobre histeria [1893-1895]. In: **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1980a.

FREUD, Sigmund. O instinto e suas vicissitudes [1908]. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980b.

FREUD, Sigmund. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna [1930]. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Vol. IX. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1980c.

FREUD, Sigmund. A psicologia das massas e a análise do eu [1921]. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980d.

FREUD, Sigmund. Um caso de histeria [1901-1905]. In: **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FRIDMAN, Luiz Carlos. **Vertigens pós-modernas**: configurações institucionais contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

FUKUYAMA, Hegel. **O fim da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp 1997.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2001.

GONDAR, Jô. A sociedade de controle e as novas formas de sofrimento. In: ARÁN, Márcia (Org.). **Soberanias**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

GONDIM, Ricardo. Religião é a cocaína do povo. **Revista Ultimato**, n. 287. Disponível em <http://www.rhemanet.com.br/cgi-bin/PageSvrex.exe/Get?id_doc=160>. Acesso em 19 nov. 2004.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papyrus, 1991.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A tirania do prazer**. Rio de Janeiro: Editora Bethand Brasil, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como "ideologia"**. Porto: Rés Editora, 1994

HARDT, Michael. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, Eric (Org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

HAUGH, Wolfgang Fritz. **Crítica da estética da mercadoria**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

JAMENSON, Frederic. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

JÖHR, Hans. **O verde é negócio**. São Paulo: Saraiva, 1994.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

KLEIN, Naomi. **Sem logo**: a tirania das marcas em um planeta vendido. Rio de Janeiro: Record, 2001.

KRISTEVA, Julia. **As novas doenças da alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KURZ, Robert. O tédio mortal da modernidade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 nov. 1999. Caderno Mais! p. 10.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Antropos, 1983.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LOMBARDI, José Claudine (Org.). **Globalização, pós-modernidade e educação**. História, Filosofia e temas transversais. Campinas: Autores Associados/UnC, 2001

LYON, David. **The electronic eye**: the rise of surveillance society. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994. p. 57- 80.

LYOTARD, Fredric Jameson. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

LYOTARD, Fredric Jameson. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MARTY, Pierre. **Mentalização e psicossomática**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1998.

MEZAN, Renato. Subjetividades contemporâneas. In: **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

MINAYO, Maria Cecília Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORGAN, Christina; VECCHIATTI, Ilka Ramalho; NEGRÃO, André Brooking. Etiologia dos transtornos alimentares: aspectos biológicos, psicológicos e sócio-culturais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 24 (Supl III), p. 18-23, 2002.

MOURA, Maria Lúcia Seidl; FERREIRA, Maria Cristina; PAINE, Patrícia Ann. **Manual de elaboração de projetos de pesquisa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra**. Lisboa: Guirarães, 1997.

OFFE, Claus. **O capitalismo desorganizado**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. Pós-modernidade: abordagem filosófica. In: TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio (Org.). **Teologia na pós-modernidade**: abordagens epistemológicas, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003.

OPSOMMER, Evelyn Irena. **Anarquia nas banlieues francesas?** Disponível em <http://www.ibase.org.br/pubibase/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1172&sid=127>

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

OTTMAN, Jacquelyn. **Marketing verde**: desafios e oportunidades para a nova era do marketing. São Paulo: Makron Books, 1993.

PEREIRA, William Cesar Castilho. A clínica e o sujeito: a crise na modernidade e a perplexidade na pós-modernidade. **Congresso Estadual de Psicanálise**, Vitória.E.S. 2002.

PEREIRA, William Cesar Castilho. **A formação religiosa em questão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PEREIRA, William Cesar Castilho. **Nas trilhas do trabalho comunitário e social**: teoria, método e prática. Belo Horizonte: Vozes/PUC Minas, 2001.

PEREIRA, William Cesar Castilho. **O adoecer psíquico do subproletariado**: projeto saúde mental na comunidade. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

PERROT, Michelle. O nó e o ninho. **Revista Veja**: reflexões para o futuro, São Paulo, n. 25, abr. 1993.

POPPER, Karl. **O mito do contexto**: uma defesa da ciência e da racionalidade. Lisboa: Edições 70, 1999.

PRETTI, Dino. et al. Análise de textos orais. **Projetos paralelos**, São Paulo, v. 1, 1993.

ROUANET, Sergio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth . **Por que a Psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SALEM, Pedro. **Do luxo ao fardo**: um estudo histórico sobre o tédio. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

SANTIAGO, Jésus. **A droga do toxicômano**: uma parceria cínica na era da ciência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Do pós-moderno ao pós-colonial e para além de um e outro. **Congresso luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais**, Coimbra, 2004.

SANTOS, Boaventura Souza. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Boaventura Souza. **Integração pluralista**. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/opiniaio/bss/143.php>. Acesso em 22 de nov.de 2005.

SANTOS, Boaventura Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Boaventura Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 2002.

SARTI, Cynthia. A Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria Carmo Brant (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

SCHUTZ, Alfred. Bases fenomenologia. In: WAGNER, Helmut (Org.). **Fenomenologia e relações sociais**: textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 1979.

SCHWANDT, Thomas. Constructivist, interpretivist approaches to human inquiry. In: DEZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (Eds.). **Handbook of qualitative research**. London: Sage Publications, 1994.

SCHWARTZMAN, Riva Satovschi. O conceito de recalçamento e a busca de uma metapsicologia para as novas patologias. In: CARDOSO, Marta Rezende (Org.). **Limites**. São Paulo: Escuta, 2004.

SIBILIA, Maria Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVA, Rosalina Carvalho. A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisas. In: ROMANELLI, Geraldo; BIASOLI-ALVEZ, Zélia. (Orgs.). **Diálogos metodológicos sobre práticas de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

SOARES, HOLGONSI. As três dimensões temporais: certeza da incerteza. **Jornal A Razão**, Rio Grande do Sul, 29 abr. 1999.

TAVARES, Fred. Cultura e repressão: a subjetividade nas empresas. **Revista Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 209-227, 2001/2002.

TAVARES, Fred. O consumo na pós-modernidade. **Revista Comum da OHAEC**, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 22, p. 122-143, 2004.

TAVARES, Fred. O marketing pós-moderno nas sociedades midiáticas e temporais. **Revista Comum da OHAEC**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 81, p.118, 2001.

TAYLOR, Frederick W. **Princípios de administração científica**. São Paulo: Editora Atlas, 1980.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Ed. Atlas, 1992.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em condições pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VALLA, Jorge. A análise de conteúdo. In: SILVA, Augusto Silva; PINTO, Jose Madureira (Orgs.). **Metodologia nas Ciências Sociais**. Lisboa: Afrontamentos, 1999.

VALLES, Miguel. **Técnicas cualitativas de investigación social**: reflexión metodológica y práctica profesional. Madrid: Ed. Síntesis, 1997.

